Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 18.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 609 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

MINISTRO DA DEFESA CHAMA CHEFES DOS RAMOS

PRIORIDADE: TRAVAR A "PRÉ-FALÊNCIA" DAS FORÇAS ARMADAS

Chefes militares vão ser envolvidos na construção de "medidas expeditas" que, como alerta repetidamente o Presidente da República, impeçam a "depreciação" e "desvalorização".

PÁG. 6

COMANDANTE DA PSP DO PORTO

"OS MEIOS SÃO FINITOS. AS PRIORIDADES SÃO AS ZONAS TURÍSTICAS E O TRÁFICO DE DROGA"

PÁGS. 4-5

DEBATE PARLAMENTAR

"EMBUSTES", "TRUQUES" E UM CHEGA "MANSINHO" COM "CHOQUE FISCAL" DE 173 MILHÕES

PÁG. 8

MIGUEL A. LOPES / LUSA

FALHA

INCUMPRIMENTO DA AIMA DEIXA IMIGRANTES COM A VIDA SUSPENSA

PÁG. 10

HOSPITAL DE SANTA MARTA

TRANSPLANTES PULMONARES: MAIS DE 400 DOENTES TRATADOS

PÁGS. 12-13

Stalking
Maioria das vítimas são mulheres e não procuram ajuda

PÁG. 11

Banca
Recorde de queixas obriga bancos a ressarcir mais de 8 milhões

PÁG. 14

Liga Europa
"Bravura, inteligência e motivação". A receita de Schmidt para o Benfica chegar às meias-finais

PÁG. 20

Livro
Retornados – E a vida nunca mais foi a mesma. Histórias de quem foi apanhado na *avalanche* da História.

PÁG. 24

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

ALFREDO CUNHA

FOTÓGRAFO

PÁG. 29

Até ver

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

O iate de Saddam, o palácio com mármore alentejano e o cozinheiro açoriano do ditador

Quem se recorda do vídeo da frágil figura prestes a ser enforcada no penúltimo dia de 2006, ou do homem de cabelo e barba desgrenhadas descoberto três anos antes num buraco, dificilmente associará Saddam Hussein à ideia de um vencedor, menos ainda de um conquistador, mas era assim que o líder iraquiano se via até à invasão americana de março de 2003. Vencedor, ou conquistador, diz-se *Al Mansur* em árabe. E daí o nome do antigo iate do ditador, que nos últimos dias tem sido notícia por, mesmo afundado, se ter transformado em atração turística.

De *Al Mansur*, já agora, vem também o Almançor que surge na história da Reconquista, o grande guerreiro muçulmano que por volta do ano 1000 assolou os reinos cristãos da Península Ibérica, ao ponto de atacar uma cidade tão a norte como Santiago de Compostela. Sabe-se, aliás, que Saddam, embora laico, estudava a História do Islão e, sem dúvida, conhecia as façanhas de Almançor, talvez a última exibição de força do Califado de Córdova, o célebre Al Andalus.

O *Al Mansur* naufragado no Shatt al-Arab, rio formado pela confluência do Tigre e do Eufrates, era o maior dos iates de Saddam. Uma reportagem da CNN revelou que o barco, de 121 metros de comprimento, está ao abandono perto de Baçorá, a grande cidade portuária do Sul do Iraque. Foi uma espécie de vítima colateral da guerra que em 2003 pôs fim a décadas de poder absoluto do filho de camponeses de Tikrit que ascendeu ao topo do Estado graças à influência de um primo e ao zelo revolucionário.

As armas de destruição maciça que justificaram a invasão ordenada por George W. Bush nunca apareceram, mas nem por isso a queda da ditadura iraquiana deve ser lamentada. O homem que se via como um novo califa de Bagdad nunca se cansou, ao longo dos anos, de atacar os vizinhos, fosse o Irão ou Israel, e em 1990 chegou mesmo a invadir e anexar o Koweit, conquista efémera, pois George Bush, o primeiro da família Bush na Casa Branca, liderou uma coligação internacional que obrigou, em inícios de 1991, as tropas iraquianas a retirar.

Saddam era também brutal com o seu povo e, apoiando-se na minoria árabe sunita, oprimia os árabes xiitas e, sobretudo, os curdos, que chegaram a ser atacados com armas químicas nos Anos 1980, o que mais tarde ajudou a credibilizar as tais acusações americanas sobre a posse de armas de destruição maciça.

À queda de Saddam seguiu-se o caos, com insurreição, terrorismo e separatismo. E a grande acusação que se faz aos Estados Unidos é não terem acautelado o futuro do Iraque, que chegou a ter uma das suas maiores cidades, Mossul, tomada pelos jihadistas do Daesh.

Ora, se o iate *Al Mansur* foi vítima das bombas de 2003 e das pilhagens que aconteceram na hora do vazio de poder, muitas outras posses de Saddam também foram destruídas. Estive em reportagem no Iraque em vésperas da queda de Saddam, mas nunca tive hipótese de o ver. Contudo, bastou-me uma cerimónia onde o vice-presidente Izzat Ibrahim al-Duri chegou numa imponente limusina para perceber que a liderança do Partido Baas, laico e pan-arabistas, gostava de belos carros. Saddam teria uma coleção que incluía Rolls Royces e Cadillacs blindados, e o filho Udai, apontado como potencial sucessor, tinha fama de acumular Porsches e Lamborghinis. Não esquecer que o petróleo enchia os cofres do Governo, ao ponto de os palácios de Saddam serem revestidos dos melhores mármores, vindos de Itália, mas também de Portugal, dali da região de Estremoz.

Muitos portugueses terão trabalhado nessas obras a magnificar Saddam, mas o mais célebre dos nossos compatriotas que conviveu com o presidente iraquiano foi um cozinheiro açoriano, de São Jorge. Quando estive em Bagdad, em 2003, ouvi falar desse *chef* português de Saddam, e cheguei mesmo a pensar se era mito. Só descobri que era anos mais tarde ao ver uma reportagem da TVI. O ditador, fiquei a saber, seria um bom garfo e não deixou de provar uns pratos portugueses. Já o *Al Mansur* era de um estaleiro finlandês.

Obrigado a um complicado equilíbrio estratégico entre os Estados Unidos e o Irão, o Iraque tem nestas duas últimas décadas procurado manter-se fiel ao jogo democrático, apesar das tensões religiosas entre sunitas e xiitas, das ambições independentistas curdas e das vagas de terror jihadista. O constitucionalista português Vitalino Canas, que esteve recentemente em Bagdad, disse-me numa entrevista estar otimista com a evolução do país, importante desde a época em que era conhecido como Mesopotâmia e tinha Babilónia como capital de uma civilização que impressiona até hoje os arqueólogos: "O futuro do Iraque interessa ao mundo inteiro. Aliás, basta olhar para o mapa para perceber o valor geoestratégico que tem. Além de que é o único país do mundo árabe onde existe um sistema parlamentar que funciona, em meu entender, razoavelmente, tendo em conta o contexto e todos os condicionantes." Não parece credível que resgatar das águas o *Al Mansur* seja uma prioridade.

OS NÚMEROS DO DIA

21,7

MILHÕES DE EUROS
O valor total dos reembolsos de IRS já emitidos ascende a 21,7 milhões de euros, disse o Ministério das Finanças, indicando que até ao momento foram processadas 205 mil devoluções de imposto.

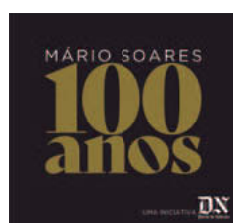
15

MIL PESSOAS
As autoridades sanitárias moçambicanas registaram 15 386 casos de cólera no país nos últimos cinco meses, com um total de 32 mortos. Segundo um relatório sobre a doença do Ministério da Saúde de Moçambique, o surto começou em 1 de outubro de 2023.

970

MILHÕES DE INDIANOS
As eleições gerais na Índia iniciam-se sexta-feira e prolongam-se até 1 de junho, no país mais populoso do mundo, com quase 970 milhões de eleitores num total de 1,4 mil milhões de pessoas.

8,3

MILHÕES
As instituições financeiras devolveram 8,3 milhões de euros aos clientes bancários em 2023, na sequência de ações de inspeção realizadas pelo Banco de Portugal (BdP), anunciou o regulador, que registou mais 23,9% reclamações no ano passado.

18.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Pedro Gouveia
"Os meios são finitos. As prioridades são as zonas turísticas e o tráfico de droga"

ENTREVISTA Comandante do Comando Metropolitano do Porto da PSP recebeu o DN para uma conversa onde falou da convivência com Rui Moreira, da detenção de Fernando Madureira, da importância da segurança para o turismo na cidade e do combate ao tráfico de droga nos bairros, entre outros temas mais nacionais, como os Subsídios de Risco e a nova ministra.

ENTREVISTA **VALENTINA MARCELINO** E **RUI FRIAS** FOTOS **CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS**

Transmontano, natural de Mirandela, licenciado em Ciências Policiais e superintendente da Polícia de Segurança Pública desde 2014, Pedro Neto Gouveia lidera, desde outubro passado, o Comando Metropolitano do Porto, depois de vários anos como diretor do Departamento de Segurança Privada da PSP, e recebeu o DN para esta primeira entrevista a um jornal nacional desde que assumiu o cargo.

A criminalidade no Distrito do Porto aumentou 9% em 2023 face a 2022, mas ainda abaixo dos valores pré-pandemia. Tem explicação para este aumento da criminalidade? Que cidade é que encontrou quando chegou?
Houve um aumento a nível nacional, portanto, não é um problema só do Porto, é uma tendência nacional. Tivemos durante muito tempo descidas da criminalidade, quer geral, quer violenta e, após a pandemia, estamos neste momento numa situação ascendente. Ainda não atingiu os níveis da pré-pandemia, mas é um processo natural. Há mais pessoas a sair às ruas e, consequentemente, também haverá um conjunto de circunstâncias que acabam por potenciar as práticas criminais.
Mas há alguma coisa que distingue o Porto do resto do país?
Não, não creio. Uma das coisas em que reparei quando cheguei, e fiz logo um apanhado da criminalidade existente, foi o aumento do furto por oportunidade – um aproveitamento em várias áreas (hotelaria, ginásios, etc.), em que as pessoas claramente se descuidam e há um aproveitamento. Fruto também do aumento do turismo na cidade do Porto este tipo de furto está a ter a sua repercussão. A cidade do Porto e a Zona Norte têm tido um acréscimo extremamente elevado de turismo, são muito procuradas e isso também torna mais passível o aumento da existência de alvos. O facto de as pessoas estarem num momento de descontração e de turismo acaba por fazer descurar um bocadinho a sua atenção sobre os seus bens e reflete-se no aumento do furto por oportunidade.
Esse tipo de crime foi o principal a contribuir para este aumento?
Também contribuíram muito as burlas por telemóvel e outro tipo de burlas, os furtos no interior de veículos. Este último bastante associado ao fenómeno da toxicodependência, tal como o furto no interior de garagens.

O Porto é uma cidade turística e o turismo é um importante motor para a economia, sendo que o sentimento de segurança tem muito impacto. Essas são áreas a que temos obrigatoriamente de dar atenção e ter gente visível nas ruas.

A sensação de insegurança no Porto tem tido eco, sobretudo, na noite e relacionada também com o tráfico e consumo de droga em determinadas zonas da cidade. O presidente da Câmara, Rui Moreira, tem reclamado a presença de mais policiamento. Como é que tem sido esse diálogo com a autarquia?
Mal seria se um presidente da câmara não exigisse mais segurança para a sua cidade. É normal. As pessoas também o fazem, naturalmente. Gostaríamos de corresponder a esse anseio, mas os meios são finitos e temos de os gerir de modo a poder responder aos problemas mais graves. Sempre que temos algum conjunto de necessidades mais acrescidas, podemos fazer uma gestão de meios de modo a demonstrar que a polícia não está ausente do território. Não aceitamos que o terreno possa estar sem qualquer tipo de autoridade pública.
Mas sente que há zonas onde gostaria de ter mais gente?
Gostaria de ter mais gente, claro. O Porto é uma cidade turística e o turismo é um importante motor para a economia, sendo que o sentimento de segurança tem muito impacto. Essas são áreas onde temos obrigatoriamente de dar atenção, através, essencialmente, de ter mais gente na rua e visível. Noutras áreas, se calhar, não temos tanto a necessidade de ter gente visível, mas temos a necessidade de ter gente à civil, de modo a acompanhar fenómenos criminológicos, como é o caso do furto em automóveis. Vamos gerindo de acordo com as necessidades. A nossa gestão de meios permite-nos ter polícias onde quisermos, mas onde quero efetivamente ter um reforço acrescido é nas zonas turísticas do Porto e, claramente, em zonas onde há e subsiste o tráfico de estupefacientes.
Há menos polícias no Porto que no resto do país?
Estamos um bocadinho abaixo da média nacional. Temos um polícia para 290. A média nacional é 1 para 250. Mas isso contando só os residentes. De acordo com o presidente do Turismo do Porto e Norte, o engenheiro Luís Pedro Martins, houve um aumento de 30% de dormidas em 2023 para cerca de 5,5 milhões no total.
E o aumento do vosso efetivo?
Recebemos 112 novos polícias. Não posso dizer que foi o desejável, mas foi simpático, porque também tivemos obrigatoriamente de cobrir as novas competências do aeroporto. Além disso, também tivemos uma área para a qual tivemos de nos adaptar, que foi a Unidade Habitacional Santo António, que é o centro de instalação para estrangeiros. Isso consumiu-nos efetivo.
Sente afetada a capacidade operacional do Comando?
Muito pelo contrário. Encontrei um Comando vibrante, com muita vontade de trabalhar. Uma organização que já está mais que oleada. Encontrei foi uma "máquina assassina", se me permite a expressão, de capacidade operacional, de vontade de fazer o melhor possível. O pessoal faz além da sua capacidade, e está sempre empenhado. Posso dizer-vos que, em relação a uma questão que muito nos preocupa a todos, como é o combate ao tráfico de drogas, contando com 2023 e início de 2024, apenas da intervenção da Divisão de Investigação Criminal nos principais bairros do Porto, foram feitas 99 operações. O que dá uma média de uma ou duas operações por semana nos bairros. Isto é um esforço brutal. É um trabalho imenso que implica investigação, e os resultados depois também são óbvios. Não são operações que são montadas de um dia para o outro, têm alguns meses de investigação por trás. E, portanto, fazer uma média nos bairros de uma ou duas operações por semana é um esforço brutal. E com resultados fabulosos.
O crime violento relacionado com o tráfico de droga também tem sido aqui uma realidade, não é? Toda a gente falou no assassinato em Ramalde. O Porto neste momento é palco de luta de clãs da droga?
Não temos essa perceção, nem outras autoridades com as quais reunimos mensalmente, como a Polícia Judiciária, a Procuradoria Distrital do Porto, e os Serviços de Informações, no âmbito de uma equipa especial de prevenção criminal que foi criada aqui no Porto. São situações muito ocasionais.
Há resultados no controlo do consumo de droga na via pública?
O combate ao tráfico de droga é uma missão permanente. É uma realidade que está a assolar a Europa e, obviamente, Portugal também é vítima desta quantidade de droga, que está a chegar à nossa realidade social. Apesar de permanentemente fazermos este combate – como referi uma ou duas operações por semana e com resultados extremamente eficazes, porque normal-

mente apanham sempre produto em quantidade significativa – o que é certo é que isto não para.

Notam no terreno que há um aumento considerável de consumidores? Tem números?

Sim, um aumento considerável, mas não tenho números. Uma coisa notei e tenho conversado com o pessoal da investigação criminal, é que a toxicodependência atinge, essencialmente, pessoas com médias de idade acima dos 35/40 anos. Contrariando aquilo que foi o *boom* dos Anos 70, 80, em que eram os miúdos que eram os dependentes das drogas. Neste momento, temos uma faixa etária muito mais velha. Temos de apostar também numa atitude de rede, com as autarquias, com as instituições públicas, com as instituições de saúde. Temos de recuperar os velhos manuais e voltar a implementar soluções de apoio, porque temos neste momento já um problema de Saúde Pública e um problema social grave. A procura depois para a dose diária acaba por se traduzir também num aumento da criminalidade, embora não muito violenta, mas por vezes pode tornar-se violenta.

O sistema de videovigilância que Rui Moreira implementou na cidade tem sido uma ajuda?

Temos 79 câmaras no centro da cidade e vão ser instaladas mais 117 para a zona oriental e ocidental da cidade. É uma ferramenta importante e necessária.

Durante muito tempo, a nível local, passou a ideia de haver olhos fechados em relação àquilo que parecia ser uma organização com leis próprias, que era a claque do Futebol Clube do Porto e a detenção de Fernando Madureira veio abalar essa ideia. Estas eleições no clube vieram aumentar essa necessidade da vigilância sobre as atividades da claque?

Não tenho essa perceção. As claques sempre foram um fenómeno de organização entranhada nas realidades clubísticas. Aqui no Porto não é diferente do Benfica, ou do Sporting. Foi feito um trabalho muito sério por parte da PSP e por parte do Ministério Público (MP) em que conseguiu prova para levar a bom termo a indiciação.

Acha que foi importante passar essa mensagem nesta altura?

Não foi uma coisa que tivesse de ser necessária por causa de um processo eleitoral, foi uma coincidência. E a coincidência residiu no facto de, numa assembleia-geral, terem filmado um conjunto de coisas que, obviamente, de outra maneira não sairiam cá para fora. E essas imagens que saíram permitiram organizar um inquérito e, consequentemente, depois toda a ação e toda a investigação que culminou nas medidas que foram tomadas depois para julgamento.

Preocupa a PSP do Porto esta luta pelo poder pós-Fernando Madureira no interior da claque? Está identificada alguma necessidade especial de segurança para o próprio ato eleitoral do Futebol Clube d o Porto, daqui a uns dias?

Obviamente que sim. Queremos que o processo eleitoral se faça sem qualquer permeabilidade. Estamos em contacto permanente com o presidente da Assembleia, que é a autoridade máxima para esta circunstância, no sentido de garantir-lhe que o processo se faça sem qualquer sobressalto e que o Comando do Porto dará todo o apoio. Já está acordada uma operação destacada. Não queremos que se torne um processo policiado, mas estaremos em contacto próximo e com elementos suficientes para que não haja qualquer tipo de problema.

E em relação a essa sucessão de Fernando Madureira na claque tem alguma fonte de preocupação identificada?

Não creio. Será um processo natural. Portanto, à saída de um, haverá sempre um outro que lhe sucede. E o que queremos é que o fenómeno de futebol e o fenómeno desportivo seja um fenómeno saudável para que as pessoas possam ir tranquilamente aos espetáculos desportivos sem termos este tipo de manifestações que são menos próprias por parte das claques.

Há pouco tempo houve aqui uma manifestação anti-imigração e uma contramanifestação de antifascistas. Porque é que a PSP deu parecer positivo?

O nosso parecer foi positivo porque as duas manifestações que estavam previstas não iam, em princípio, colidir. O problema aqui foi só um: houve a tentativa de confrontação de uma manifestação e quando temos alguém a querer pôr em causa o exercício do direito de manifestação, temos de impedir que isso aconteça. Naquele caso, foi claramente uma tentativa feita com o arremesso de pirotecnia por elementos que estavam com balaclavas e tiveram de ser identificados.

Mas o facto de autorizar essas duas manifestações num espaço relativamente curto na cidade não era já admitir um risco?

O risco há sempre. Desde que haja duas fações que claramente se pretendem opostas, sabemos que há sempre um risco de que as coisas aconteçam. Mas nós, em última instância, como autoridade policial, o que pretendemos é que o decreto-lei seja alterado. Esta é a nossa posição de sempre, a posição institucional, porque o decreto-lei é de 76 e, portanto, não se adequa nunca e em circunstância alguma aos atuais paradigmas daquilo que são as manifestações, daquilo que são os grupos, daquilo que são as contestações. Vemos, por exemplo, estas atuações do Climáximo, que têm o seu enquadramento, mas depois descambam desse enquadramento. Claramente temos de equacionar a alteração do decreto-lei. Esta é uma necessidade para haver uma lógica de procedimentos que possa trazer um controlo mais eficaz e não, depois, andar a apagar fogos.

E onde a polícia tenha uma palavra mais efetiva?

Uma palavra a mais, mas com todo o complemento de que os direitos, liberdades e garantias estão salvaguardados e que o direito de manifestação é salvaguardado. Estamos a meia dúzia de dias dos 50 anos do 25 de Abril, portanto, não seria a polícia que iria pedir que houvesse aqui uma palavra policial final. Nunca, muito pelo contrário. Portanto, a nossa ideia é garantir que as pessoas tenham liberdade de se manifestar, mas sempre, obviamente, respeitando a liberdade dos outros.

> *"Nota-se um aumento considerável do consumo de droga. (...) Temos de recuperar os velhos manuais e voltar a implementar soluções de apoio porque temos neste momento já um problema de Saúde Pública e um problema social grave."*

Tal como em Lisboa, tem aumentado também muito a imigração na cidade do Porto. Identifica alguma relação entre isso e o aumento da criminalidade?

Não, absolutamente.

O sr. comandante acha que a PSP deve ter um Subsídio de Risco igual ao da Polícia Judiciária?

De acordo com aquilo que referi, por saber que estes homens e mulheres se dedicam tão acerrimamente à defesa da nossa sociedade e à segurança da nossa sociedade, acho que eles têm direito a tudo. Aqui há tempos, num seminário, perguntaram-me como nos afeta o facto de os polícias conviverem com a desgraça alheia, como é que se motiva essa gente? E a minha resposta foi: essa gente está motivada. Não precisa de ninguém que as venha motivar, vestem uma camisola. Os polícias trabalham porque fizeram o juramento. Os polícias trabalham para a segurança de todos. Portanto, esse esforço e esse empenho deve ter associado um reconhecimento político, social, económico. E às vezes não somos reconhecidos. Aqui, em conversa com os autarcas, explico muitas vezes que a polícia é como a Muralha Fernandina. A polícia é uma muralha. E o que precisamos na muralha, para defendermos a nossa comunidade, é dos jornalistas, dos magistrados, dos autarcas, dos professores, toda aquela gente que tem alguma responsabilidade, nem que seja para nos chegarem a água. Aguentamo-nos, mas precisamos que alguém nos chegue um bocadinho de água. O que não precisamos é que venha alguém por baixo da muralha e a faça cair. Tem de haver o reconhecimento da sociedade.

E não há nesta altura?

Há pouco. Pese embora todos os inquéritos que vamos fazendo indiquem que a polícia está nos mais altos padrões de aceitação da população. Mas depois, efetivamente, não há aqui um reconhecimento monetário ou de recompensa efetiva para o trabalho desenvolvido.

E esse pagamento seria esse reconhecimento e também uma forma de motivar, por exemplo, o recrutamento?

Claro, sem sombra de dúvida. O recrutamento reflete-se naquilo que são as perspetivas quer de carreira, quer de remuneração, quer de consequências. Quando entrei para a polícia, uma das coisas que a mim me entusiasmou é que tinha de acréscimo, na altura, 25% sobre o tempo de serviço, que acabou. Quando entrei, a minha perspetiva de carreira era que fazia 10 anos de carreira e recebia dois anos e meio. Portanto, ficava com dois anos e meio de carreira em cada 10 anos, o que permitiria que numa situação de reforma fosse mais cedo para a reforma, que eventualmente fosse mais novo e pudesse usar um bocadinho os serviços de assistência na doença. Isto era algo apetecível a qualquer tipo de serviço de assistência que havia no nosso país. Qualquer funcionário público dava tudo para estar nessas condições da PSP, porque os convénios, os acordos tinham sempre umas vantagens muito maiores e, portanto, todo esse conjunto de circunstâncias foi desaparecendo. E não foram compensadas. Neste último caso, não é só o facto de não termos sido reconhecidos, é o facto de outros terem sido reconhecidos e nós não. Foi o elemento determinante que causou aqui a destabilização que se tem visto.

E a nova Ministra [Margarida Blasco]? É alguém que conhecem bem, esteve muitos anos na IGAI...

Está toda a gente expectante, portanto, esperamos sempre, em todas as circunstâncias, que os titulares da pasta façam o melhor possível pelas suas organizações, pelas organizações que têm a responsabilidade política de dirigir.

E espera algum sinal em concreto dela nesse aspeto?

Pelo menos, está-se a exigir nesta altura, pelos sindicatos, que se dê algum sinal. Não creio que as coisas fiquem serenas se não houver, desde logo, um compromisso com uma solução.

Aumentou o quadro sancionatório para agressões aos polícias. A sociedade está mais consciente da necessidade de proteger as autoridades ou acha que há mais desrespeito pelas autoridades?

Acho que essa foi mais uma pedra para a muralha. A muralha precisa dessas pedras, portanto, acho que, nesta imagem da muralha, essa é uma pedra para a muralha, para fortalecer a muralha e efetivamente podermos aguentar o embate. Portanto, as populações dentro da muralha têm de estar protegidas e é a polícia que o faz.

Ministro da Defesa confia no tradicional consenso entre os principais partidos.

Governo já definiu prioridades para travar "pré-falência" das Forças Armadas

DEFESA Chefes militares vão ser envolvidos na construção de "medidas expeditas" que, como alerta repetidamente o Presidente da República, impeçam a "depreciação" e "desvalorização".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

As duas principais prioridades imediatas do Governo na Defesa, apurou o DN, já estão definidas: um pacote de medidas de "valorização e retenção dos militares nas Forças Armadas" e um segundo de "valorização dos antigos combatentes".

As "prioridades", com "respeito pelas possibilidades orçamentais" [como acautelado no Programa do Governo], vão envolver, na elaboração de "medidas expeditas", o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Nunes da Fonseca, o chefe de Estado-Maior do Exército, general Mendes Ferrão, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Gouveia e Melo, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Cartaxo Alves, e ainda o presidente da Liga dos Combatentes, tenente-general Chito Rodrigues.

Para a "valorização" e "atualização dos incentivos ao recrutamento e retenção de militares", o Governo, e em particular o Ministério da Defesa, já elencou uma série de propostas que agora vão ser aprofundadas de forma a que sejam "capazes de darem resposta" a uma "pirâmide populacional das Forças Armadas, que está progressivamente mais deficitária e invertida ao nível dos efetivos", o que tem resultado numa "incapacidade de atrair, recrutar, mas sobretudo manter e desenvolver, carreiras profissionais sólidas em todos os níveis hierárquicos das Forças Armadas".

Há, pelo menos, quatro linhas principais: "Um processo de negociação para a melhoria significativa das condições salariais em geral e, em particular, da categoria de praças, para garantir o recrutamento de voluntários necessários para atingir os efetivos autorizados"; "o alargamento do Apoio Social Complementar aos militares em regime de voluntariado, contrato e contrato especial"; "reforçar os incentivos para os militares contratados"; e novas "formas de recrutamento voluntário".

Este passo, associado à "capacitação produtiva e tecnológica da indústria militar e modernização e adequação dos equipamentos e instalações", permitirá "garantir a presença operacional em todo o território nacional e internacional, onde as as forças nacionais destacadas estão presentes", "manter e desenvolver as capacidades inerentes a um conflito convencional" e "manter a capacidade não-convencional (operações especiais), determinante em conflitos de subversão e assimétricos".

E depois há a valorização dos antigos combatentes, "avaliando a natureza e o aumento dos apoios que lhes são concedidos", sendo que já existem várias propostas em cima da mesa – as da Liga dos Combatentes que, desde 2021, "tendo sido reiteradamente apresentadas (...), não foram até hoje consideradas" [como lamenta Chito Rodrigues]; e as do PCP, por exemplo, que pedem "um Complemento Vitalício de Pensão no montante de 100 euros mensais" para os antigos combatentes e a atribuição de uma Pensão Mínima de Dignidade para aqueles "cujas pensões sejam inferiores ao Salário Mínimo Nacional".

Perante este cenário, uma acentuada "depreciação" e "desvalorização" desde 2016 – e que em 2019, com a revisão do Estatuto dos Magistrados Judiciais, sofreu novo revés ao deixar de fora "carreiras com mais evidentes afinidades, nomeadamente a das Forças Armadas e as das forças de segurança" [como constata Belém] –, surge agora um pedido de "sensibilidade" dirigido a Nuno Melo e Miranda Sarmento: não se pode "desbaratar o momento irrepetível" dos Fundos Europeus, nem regressar às questões "laterais" de conjuntura que foram usadas pelos ministros das Finanças como justificação para adiar investimentos "necessários".

A "pré-falência" das Forças Armadas, o alerta em carta enviada a Marcelo Rebelo de Sousa em 2020, por três ex-chefes do Estado-Maior e um ex-secretário-geral do Ministério da Defesa, que o Presidente subscreveu [como o DN noticiou], e uma mais recente, deste ano, relatando uma situação "insustentável de queda histórica do efetivo [a soma dos militares do Exército, Força Aérea e Marinha é inferior ao dispositivo da GNR], merecem de Belém esta frase: "O comandante supremo das Forças Armadas tem estado sempre ao lado das Forças Armadas".

A acusação dos antigos chefes militares, na carta deste ano, noticiada pelo DN, é incisiva: "Os direitos foram sendo progressivamente eliminados, e/ou deturpados pelos sucessivos Governos, uns por ação, ao terem aprovado as medidas restritivas (...), outros por omissão, ao não terem a sensibilidade necessária para os corrigir e reverter, como seria justo e conforme ao espírito e letra da própria lei."

"O poder político tem que vos proporcionar estatuto e condições à altura do que vos pede (...). E eles [o poder político], às vezes, têm demorado demais a passar de promessas ou expectativas à realidade."

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

Tripartidarismo e grande renovação de nomes nas Comissões Parlamentares

ASSEMBLEIA Resultado do Chega deu-lhe a presidência de três das 14 comissões permanentes. Outros partidos saíram a perder, tirando Livre e CDS-PP. E no PSD e PS fez-se sentir a saída de veteranos de São Bento.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Ex-ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, fica com a Saúde.

Pedro Pessanha (Defesa) é um dos três presidentes do Chega.

Salvador Malheiro vai de Ovar para a Comissão do Ambiente.

As notícias acerca do fim do bipartidarismo, espalhadas por André Ventura, vão confirmar-se hoje, com a posse das 14 Comissões Permanentes da Assembleia da República, com três presidências atribuídas a deputados do Chega. Ao contrário da legislatura anterior, quando o PS (9) e PSD (5) monopolizaram as lideranças, desta vez os três maiores grupos parlamentares fazem uma repartição que segue o Método de Hondt, e em que o empate a 78 deputados entre sociais-democratas e socialistas foi resolvido com a atribuição de uma presidência a mais aos primeiros, enquanto os segundos têm direito a mais duas vice-presidências.

De qualquer forma, aquilo que sobressai são as três presidências de Comissões Parlamentares que cabem ao Chega. Uma das quais numa área de soberania, pois Pedro Pessanha, que lidera a Distrital de Lisboa do partido, fica à frente da Comissão de Defesa Nacional, na qual fora coordenador do seu grupo parlamentar na legislatura anterior.

> Empate a 78 deputados entre sociais-democratas e socialistas foi resolvido com a atribuição de uma presidência a mais aos primeiros.

Para a Comissão de Educação e Ciência foi apontada Manuela Tender, cabeça de lista do Chega em Vila Real, que pertenceu a essa comissão entre 2015 e 2019, ainda deputada do PSD. E na Comissão do Poder Local e Coesão Territorial (que perdeu a Administração Pública para a Comissão de Orçamento e Finanças), será presidente Bruno Nunes, até agora seu vice-presidente.

Além disso, o Chega mantém seis vice-presidências de comissões: Manuel Magno (Assuntos Constitucionais), João Graça (Agricultura e Pescas), Marta Silva (Saúde), Rita Matias (Ambiente e Energia), Jorge Galveias (Cultura) e Rodrigo Taxa (Transparência). Entre os que deixam de o ser está Pedro Frazão, mas fica coordenador na Comissão de Agricultura.

No que toca ao PSD, que assegurou a presidência de seis Comissões Permanentes, a renovação é quase total, ao ponto de o único deputado mantido no lugar, Miguel Santos, transitar da Saúde para a Economia. Com Fernando Negrão (Assuntos Constitucionais), Afonso Oliveira (Economia) e Isabel Meireles (Trabalho), fora das listas da Aliança Democrática, aparecem Paula Cardoso (Assuntos Constitucionais), Emília Cerqueira (Agricultura) e Ofélia Ramos (Transparência). E dois ex-autarcas, recém-chegados ao Palácio de São Bento, Telmo Faria (Assuntos Europeus) e Salvador Malheiro, com o até agora presidente da Câmara de Ovar a assumir a presidência da Comissão de Ambiente e Energia.

A renovação do grupo parlamentar do PSD também se manifesta nas vice-presidências de comissões. Entre os neófitos estão a especialista em Relações Internacionais Liliana Reis (Defesa Nacional), a profissional de logística Ana Isabel Moreira (Saúde), o ex-edil de Câmara de Lobos Pedro Coelho (Orçamento, Finanças e Administração Pública) e o antigo presidente da Câmara de Sernancelhe, Carlos Silva Santiago (Poder Local e Coesão Territorial). Mas também há parlamentares experientes, como Carlos Eduardo Reis (Negócios Estrangeiros), que era coordenador do PSD na Comissão de Defesa, ou Germana Rocha, que se mantém vice-presidente na Comissão de Educação e Ciência.

No PS transitam apenas dois presidentes de comissões, Sérgio Sousa Pinto (Negócios Estrangeiros) e Filipe Neto Brandão (Orçamento e Finanças), com a perda de maioria absoluta (e 42 deputados) a subtrair quatro presidências. Além disso, Alexandre Quintanilha (Educação e Ciência), Capoulas Santos (Assuntos Europeus), Pedro do Carmo (Agricultura e Pescas) e Tiago Brandão Rodrigues (Ambiente e Energia) não foram reeleitos, Marcos Perestrello (Defesa Nacional) passou a vice-presidente da Assembleia da República e Alexandra Leitão (Transparência) tornou-se líder do grupo parlamentar.

Dos 17 ex-governantes que rumaram à bancada socialista, só a ex-ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, preside a uma comissão – a da Saúde, em vez da ex-ministra Marta Temido ou da ex-secretária de Estado Jamila Madeira –, como o ex-líder parlamentar, Eurico Brilhante Dias, à frente da Comissão de Trabalho, e a ex-vice-presidente da Assembleia da República, Edite Estrela, da Cultura. Atrasada está a definição das nove vice-presidências do PS.

Nos outros partidos há perdas para a IL, que de quatro desce para duas vice-presidências, com Carlos Guimarães Pinto a manter-se na Economia e Rodrigo Saraiva a passar para os Negócios Estrangeiros.

Também o BE e o PCP perdem uma das duas vice-presidências, com o bloquista José Soeiro no Trabalho e o comunista António Filipe na Cultura.

Em sentido inverso, o Livre passa a ter uma vice-presidência, para Rui Tavares (Assuntos Europeus), e o CDS-PP terá Paulo Núncio no Orçamento e Finanças.

MAIORES PARTIDOS PERDERAM MONOPÓLIO E O CHEGA TRADUZIU A SUA VOTAÇÃO EM LUGARES DE LIDERANÇA

	Legislatura anterior		Legislatura atual	
	Presidências	Vice-presidências	Presidências	Vice-presidências
PSD	5	9	6 (+1)	7 (-2)
PS	9	5	5 (-4)	9 (+4)
Chega	0	6	3 (+3)	6
IL	0	4	0	2 (-2)
BE	0	2	0	1 (-1)
PCP	0	2	0	1 (-1)
Livre	0	0	0	1 (+1)
CDS-PP	0	0	0	1 (+1)

Fonte: Assembleia da República

QUEM SÃO OS NOVOS PRESIDENTES DAS COMISSÕES PARLAMENTARES

		Atual	Antecessor
1.ª	Assuntos Constitucionais	Paula Cardoso (PSD)	Fernando Negrão (PSD)
2.ª	Negócios Estrangeiros	Sérgio Sousa Pinto (PS)	Sérgio Sousa Pinto (PS)
3.ª	Defesa Nacional	Pedro Pessanha (Chega)	Marcos Perestrello (PS)
4.ª	Assuntos Europeus	Telmo Faria (PSD)	Capoulas Santos (PS)
5.ª	Orçamento e Finanças	Filipe Neto Brandão (PS)	Filipe Neto Brandão (PS)
6.ª	Economia	Miguel Santos (PSD)	Afonso Oliveira (PSD)
7.ª	Agricultura e Pescas	Emília Cerqueira (PSD)	Pedro do Carmo (PS)
8.ª	Educação e Ciência	Manuela Tender (Chega)	Alexandre Quintanilha (PS)
9.ª	Saúde	Ana Abrunhosa (PS)	Miguel Santos (PSD)
10.ª	Trabalho	Eurico Brilhante Dias (PS)	Isabel Meireles (PSD)
11.ª	Ambiente e Energia	Salvador Malheiro (PSD)	Tiago Brandão Rodrigues (PS)
12.ª	Cultura	Edite Estrela (PS)	Luís Graça (PS)
13.ª	Poder Local e Coesão Territorial	Bruno Nunes (Chega)	Isaura Morais (PSD)
14.ª	Transparência	Ofélia Ramos (PSD)	Alexandra Leitão (PS)

"Embustes", "truques" e um Chega que foi "mansinho" com o "choque fiscal" de 173M€

PARLAMENTO Chamado a plenário para explicar a proposta de IRS, o Governo foi criticado por toda a oposição. PSD e CDS uniram-se para defender a honra do Executivo. Propostas serão aprovadas amanhã em Conselho de Ministros.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Pedro Duarte, ministro dos Assuntos Parlamentares (*ao centro*), marcou presença no debate, em que Miranda Sarmento não esteve.

MIGUEL A. LOPES / LUSA

Pedro Duarte, ministro dos Assuntos Parlamentares, classificou-o como um debate que foi "um embuste", uma "tática" feita por quem "anunciou que o tempo das táticas tinha acabado [PS]".

A oposição, por sua vez, deixou críticas ao Governo. Tendo direito à primeira intervenção do dia (por ter sido o partido proponente do debate de urgência sobre o IRS), o PS, pela voz de Alexandra Leitão, apontou baterias ao Governo, como já tinha feito no sábado passado. Para os socialistas, o Executivo de Luís Montenegro é arrogante e usa a "arrogância" para disfarçar a "incompetência".

Na primeira vez que o Governo foi chamado ao Parlamento a explicar as suas medidas para o IRS (que previam uma descida de 1,5 mil milhões, mas que, afinal, já incluíam os 1327 milhões do Orçamento do Estado em vigor), a deputada socialista quis desmanchar o pacote fiscal. Afinal, "a grande medida eleitoral da AD" representa 173 milhões de euros e não 1,5 mil milhões. Ou explicado de outra maneira: "Feitas as contas, 88% da medida do PSD são, afinal, do PS." E, tal como na vida, disse Alexandra Leitão, "é grave mentir". Este Governo, em "menos de duas semanas depois de tomar posse, já perdeu a credibilidade e minou a sua relação de confiança com os portugueses", atirou.

Então, questionou ao ministro das Finanças: "Diga qual é o valor real desta medida? Em que se traduzem os 2 mil milhões que a AD propunha entre 2024 e 2026?" Mas a resposta não chegou. Porque Joaquim Miranda Sarmento não esteve no Parlamento, por estar numa reunião já agendada no Fundo Monetário Internacional, em Washington. As honras do Governo foram defendidas pela secretária de Estado dos Assuntos Fiscais (Cláudia Reis Duarte) e pelo ministro dos Assuntos Parlamentares (Pedro Duarte) e seu secretário de Estado (Carlos Abreu Amorim).

Defendendo sempre que "é cristalino" que o Governo "não mentiu", Pedro Duarte reiterou que foi prometida "uma redução de 1,5 mil milhões de euros" e que o Executivo não se enganou – "não mentimos, não fizemos de conta". E foi mais longe: "Nunca falámos em choque fiscal, porque respeitamos o equilíbrio orçamental."

Amanhã, em Conselho de Ministros, o Governo aprovará uma redução de IRS, admitiu o ministro. De quanto, ao certo, não foi revelado, e o próprio ministro nunca o disse.

Durante o debate, criticou o ministro, a oposição quis transformar "uma boa notícia numa má notícia". Mas, argumentou, haverá "uma descida de IRS de 1500 milhões de euros" e as pessoas "terão, em muitos casos, a segunda descida de IRS do ano".

A reação "mansinha" e os "truques" do Governo

Durante o debate, a esquerda uniu-se nas críticas à proposta do Governo e, com maior ou menor agressividade, todos acusaram o Executivo de ter operado "um embuste".

Mas, na oposição, houve quem fosse mais "mansinho" nas reações, como disse Marcos Perestrello, deputado do PS, nas declarações políticas pós-debate, para criticar a "aproximação disfarçada" entre PSD e Chega.

Também nessas declarações, a ex-ministra da Habitação (agora deputada), Marina Gonçalves, criticou a postura do Governo e disse ser impossível "dialogar sem diálogo". "Exige-se a humildade que tanto anunciam, mas não praticam", e os "truques" de "dar o dito por não dito" devem chegar ao fim.

> *"Este é um Governo que, menos de duas semanas depois de tomar posse, já perdeu a credibilidade e minou a sua relação de confiança com os portugueses."*
>
> **Alexandra Leitão**
> Líder parlamentar do PS

> *"Não nos enganámos no valor, não mentimos, não fizemos de conta. (...) Nunca falámos em choque fiscal, porque respeitamos o equilíbrio orçamental."*
>
> **Pedro Duarte**
> Ministro dos Assuntos Parlamentares

Sobre as medidas de redução do IRS, André Ventura pediu mais ambição ao Governo: "O PSD tem no seu programa a maior redução fiscal em tempo de crescimento económico. Ora, a maior redução fiscal de que há memória não pode ser 170 milhões de IRS. Não podemos estar a propor descidas que aqueles senhores [PS] já fizeram. Se querem desamarrar o socialismo, não podemos governar ao lado deles."

Durante o debate propriamente dito, Hugo Soares, líder parlamentar do PSD, fez a defesa natural ao Governo. Como Pedro Duarte, insistiu que o Executivo não mentiu e lamentou que a oposição continue a utilizar esse argumento.

O líder parlamentar social-democrata apontou a Fernando Medina, que "ainda não se pronunciou" sobre o assunto. Isto revela, disse, que o ex-ministro das Finanças "talvez tenha sido o único que estudou". E questionou também a líder parlamentar do PS – "Consegue dizer se o primeiro-ministro mentiu?" –, ao que Alexandra Leitão disse que o discurso de Montenegro tem sido "ambíguo" e com "a mesma dissimulação" da campanha eleitoral. "Faz com que até agora não estejamos esclarecidos", atirou.

Diogo Lacerda Machado é um dos arguidos na investigação do MP.

Operação Influencer. Relação afasta indícios dos crimes de tráfico de influências

DECISÃO Arguidos no processo que levou à queda do Governo veem tribunal manter TIR como medida de coação.

O Tribunal da Relação de Lisboa (TRL) rejeitou o recurso do Ministério Público (MP) no processo *Operação Influencer* e decidiu que os arguidos ficam com Termo de Identidade e Residência (TIR).

"Este Tribunal decidiu julgar improcedente o recurso do Ministério Público e procedentes os recursos interpostos pelos arguidos. Em causa, nestes autos, estavam as medidas de coação impostas a cinco arguidos individuais e uma arguida pessoa coletiva sendo que o Ministério Público pretendia o agravamento das mesmas e os arguidos recorrentes a sua revogação", refere a nota do TRL.

O tribunal concluiu também que "os factos apurados não são, só por si, integradores de qualquer tipo criminal", o que significa que afastou os indícios do crime de tráfico de influências.

O advogado do arguido Diogo Lacerda Machado, Manuel Magalhães e Silva, confirmou à Lusa que "a Relação negou provimento ao MP, deu razão a Vítor Escária e Diogo Lacerda Machado e considerou que não estava indiciado o crime de tráfico de influência", tendo revogado todas as medidas de coação, exceto o TIR.

O comunicado do TRL destacou também a importância de não haver ainda legislação sobre o lóbi em Portugal, ao notar que, "a existir, evitaria muitas situações dúbias como algumas daquelas que foram apuradas nos autos".

A Relação realçou também que a sua decisão – que foi tomada por unanimidade – não visa analisar "o mérito da investigação criminal" do MP, mas deixou críticas aos procuradores responsáveis pelo inquérito por terem introduzido novos factos no seu recurso, algo que já tinha sido censurado pelo juiz de instrução na resposta ao recurso.

"Quaisquer factos aditados após o primeiro interrogatório e que não foram considerados pelo Tribunal recorrido não podiam ser invocados em sede de recurso", refere o TRL, acrescentando: "O Tribunal recorda que o Tribunal da Relação não produz segundos julgamentos da situação conhecida pela 1.ª Instância, mas apenas conhece de eventuais erros das decisões tomadas pelos Tribunais de 1.ª Instância".

O MP alegou no recurso que as medidas de coação propostas "eram e são ainda proporcionais à muito elevada gravidade dos crimes imputados e às penas que previsivelmente lhes serão aplicadas", apesar de assinalar "circunstâncias com manifesto relevo para a tomada de decisão" ocorridas entretanto, como a exoneração de Vítor Escária, a demissão de António Costa do cargo de primeiro-ministro e a dissolução do Parlamento para eleições legislativas antecipadas, admitindo que não fosse necessária a aplicação de prisão preventiva.

A Diogo Lacerda Machado (consultor e amigo do primeiro-ministro) foi então aplicada uma caução de 150 mil euros e a proibição de viajar para o estrangeiro (com entrega de passaporte), sujeitando também Vítor Escária (chefe de gabinete de António Costa) a esta última medida. Já o autarca de Sines, Nuno Mascarenhas, e os administradores Rui Oliveira Neves e Afonso Salema, da Start Campus, ficaram apenas com TIR, tendo a empresa ficado obrigada a prestar uma caução de 600 mil euros.

DN/LUSA

BREVES

Sócrates vai impugnar decisão do CSM

O antigo primeiro-ministro José Sócrates vai impugnar em tribunal a decisão do Conselho Superior da Magistratura (CSM) de manter o coletivo de juízas da Relação de Lisboa à frente do recurso do processo *Operação Marquês*, apesar de colocadas noutros tribunais. "Julgo que nada mais me resta senão procurar um tribunal e apresentar a devida impugnação judicial", disse José Sócrates em conferência de imprensa, falando de manipulação do processo. O antigo primeiro-ministro (2005-2011) disse ter sido vítima de "manipulação da escolha dos juízes" pela segunda vez no processo. Segundo José Sócrates, em 2014, quando o Tribunal Central de Instrução Criminal atribuiu o processo ao juiz Carlos Alexandre, "a distribuição [dos processos pelos juízes] foi manipulada com recurso à chamada atribuição manual", quando deveria ter sido feito por sorteio eletrónico.

É "provável" um português no Conselho Europeu

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, afirmou ontem, em Coimbra, que "começa a ser mais provável" haver um português no Conselho Europeu. "Tenho a sensação de que começa a ser mais provável haver um português no Conselho Europeu, neste próximo outono, em Bruxelas", disse Marcelo Rebelo de Sousa, quando questionado pelos jornalistas à margem da inauguração de um mural de homenagem a Alberto Martins e à Crise Académica de 1969, em Coimbra. O Presidente da República repetiu aos jornalistas que se recusa a comentar qualquer decisão judicial concreta. "Não vou comentar as decisões da Justiça, mas repito de uma outra forma um comentário, que já fiz, que é mais político", disse Marcelo Rebelo de Sousa, dando essa indicação de uma forte probabilidade de haver um português no Conselho Europeu.

Opinião
Pedro Marques

Um padrão

Nunca um Governo acabado de ser eleito entrou em estado de desgraça em tão pouco tempo.

Depois de ganhar as eleições com a promessa de uma redução de 1500 milhões de euros no IRS, ficámos todos a saber que essa promessa não é para ser cumprida.

Os 1500 milhões, dizem-nos agora, incluem o corte de 1330 milhões aprovados pelo Governo de António Costa (com o voto contra do PSD), que já se encontra em vigor desde janeiro.

Confrontado com o embuste, o Governo não assumiu qualquer responsabilidade. Em vez disso, as suas principais figuras passaram à ofensiva e trataram de acusar todos os outros – partidos, jornalistas e todos os portugueses – de terem interpretado mal.

Paulo Rangel (número dois do Governo), Miranda Sarmento (número três), António Leitão Amaro (número quatro) e Hugo Soares (líder parlamentar) tentam convencer o país de que estamos todos errados e que o PSD sempre foi absolutamente claro nesta matéria. E o Governo foi ao ponto de emitir um duro comunicado, que é um manual de cinismo político. No fundo, responsabilizam os outros por terem caído na patranha.

Notemos bem: como se não bastasse terem-nos enganado a todos, agora culpam os portugueses por se terem deixado enganar. Não é bonito fazer das pessoas idiotas.

Como é evidente, não se tratou de "um equívoco" ou de "uma ambiguidade", como reconheceu o ministro da Coesão, Castro Almeida. Foi mesmo um ato deliberado de ilusionismo, com os quais PSD e CDS enganaram os portugueses para ganhar as eleições.

A verdade é que resultou e, por apenas 50 mil votos, PSD e CDS ficaram à frente dos destinos do país. Qual seria o resultado eleitoral se tivessem dito a verdade?

Na campanha, Luís Montenegro apostou em descolar da imagem do líder parlamentar que tinha aprovado todas as medidas de austeridade do último Governo PSD/CDS e convenceu os portugueses de que os seus impostos iriam baixar.

Afinal, como agora ficou exposto, a prioridade da AD foi sempre outra. O "choque fiscal" no IRS ficou reduzido a uma maquilhagem. De substancial, apenas a redução do IRC. Se tivermos presente que 45% do IRC é pago por 0,2% das empresas (as grandes) e que dois terços é pago por 2%, vemos quem realmente beneficia das medidas fiscais deste Governo.

Os portugueses sentem-se enganados e com razão. Com um início assim, será difícil voltarem a confiar em Luís Montenegro e no seu Governo.

Acresce que o PSD é reincidente nestes enganos – e nem me estou a referir aos cortes de salários e pensões que Passos Coelho há anos negou em campanha, para depois aplicar implacavelmente. Durante a campanha eleitoral, o atual primeiro-ministro tinha tentado uma manobra parecida: propôs um aumento significativo das pensões como se fosse para todos, para logo no dia seguinte se perceber que afinal era para uma pequena minoria.

No caso das pensões, a máscara caiu em 24 horas; no caso do IRS, o embuste será sentido no recibo de vencimento durante toda a legislatura.

Estes enganos não são coincidência, são um padrão.

Eurodeputado

17
VALORES

Manuel Alegre

Do ativismo político à obra literária, o seu legado merece todo o nosso reconhecimento. Foi isso que aconteceu esta segunda-feira, na Fundação Calouste Gulbenkian, onde apresentou o livro *Memórias Minhas* e foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Camões. É uma das grandes figuras da Cultura e do Portugal democrático.

Acumulam-se os constrangimentos a imigrantes por incumprimento da AIMA

PROBLEMAS Estudantes que chegaram com visto em agosto de 2023 ainda não conseguiram agendamento e outros estão à espera do documento renovado. Ninguém consegue respostas por parte da agência responsável.

TEXTO **AMANDA LIMA**

301 dias. Thamy Luíza Baruch Azevedo vive em Portugal com visto de estudante há exatamente 301 dias. Até ao momento, não conseguiu um agendamento para obter o título de residência e, segundo a imigrante, ser atendida ao telefone é uma tarefa quase impossível. "Tento realizar o agendamento desde que cheguei, já me aconteceu passar o dia todo usando dois celulares ao mesmo tempo na tentativa de ligar, literalmente das 8.00 às 20.00" horas, relata a estudante de Mestrado em Direito de Empresas na Universidade de Lisboa. Numa das ocasiões, foram mais de 300 as ligações. Nas poucas vezes em que conseguiu ser atendida, a resposta foi: "Não há vagas, torne a ligar."

"Eu acreditava que por fazer tudo de forma legal, pagar o visto no consulado português, seguir os trâmites legais, no mínimo teria uma condição básica que é um agendamento", desabafa a brasileira. Sem o título de residência, a advogada não pode exercer atividades profissionais que sejam compatíveis com o estudo, como planeava. Sair do país, seja para passear ou participar em eventos académicos, ou mesmo ir ao, e voltar do, Brasil em casos de emergência, também não lhe é permitido pela falta do documento.

"O imigrante investe dinheiro no país, entra de forma regular e não tem o mínimo dos seus direitos garantidos", diz. Além destes constrangimentos, Thamy corre o risco de perder a oportunidade de participar no Programa Erasmus, para o qual foi aprovada. "Sinto-me completamente impotente e frustrada, como se você ficasse travada, impossibilitada de dar os próximos passos na sua vida", resume.

Por lei, quem chega a Portugal com o Visto de Estudante ou de procura de trabalho, por exemplo, já deveria aterrar com uma marcação disponibilizada, como forma de agilizar os trâmites e promover a imigração regulada. Na prática, não é o que ocorre há meses, conforme vários casos relatados ao DN. Sem um centro de contacto telefónico e um *site* onde seja possível agendar *online*, os imigrantes não conseguem nenhuma resposta por parte da Agência para as Migrações, Integração e Asilo (AIMA).

ANDRÉ ROLO / GLOBAL IMAGENS

Imigrantes não conseguem contacto com a AIMA.

Há também quem tenha tido a sorte de conseguir um agendamento, mas até hoje está à espera do título de residência. É o caso da também advogada Tonya Lucena, de 28 anos, que fez a entrevista no dia 23 de outubro, em Coimbra. Já passaram mais de 120 dias úteis, o que ultrapassa o prazo legal para envio do cartão. "Apesar de compreender a grande quantidade de trabalho que a AIMA possui, jamais imaginei que passaria por essa situação. Desde antes da minha chegada, fiz tudo o que me competia com organização para viver a melhor experiência possível", explica a estudante.

Os constrangimentos não se limitam ao facto de não poder participar em eventos e reuniões profissionais fora do território. Sem o documento, Tonya teve o pedido de Número de Utente negado. A estudante diz sentir-se "extremamente lesada, insegura e limitada, num momento que é tão especial para nós", ao referir-se à oportunidade de estudar em Portugal.

Os dois casos relatados não são únicos, sabe o DN. Até agora, são pelo menos 15. O Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (NELB) lançou um inquérito, aberto aos estudantes internacionais de qualquer curso e país lusófono. O tema preocupa a comunidade académica também pelo futuro, porque está a chegar o período de matrículas noutras universidades europeias. Sem o título de residência, os estudantes não podem usufruir do regime de mobilidade da União Europeia (UE), o que evita a necessidade de solicitar e pagar por outro Visto de Estudo para o país em que pretendem prosseguir o mestrado ou doutoramento.

Ao DN, a AIMA respondeu que "está a negociar protocolos com Instituições do Ensino Superior, tendo em vista a agilização de procedimentos respeitantes a estudantes universitários".

> Um terceiro protesto será realizado hoje por um grupo de imigrantes prejudicados pelo incumprimento do Governo no envio dos títulos de residência.

Terceiro protesto

Hoje, imigrantes realizam um novo protesto em frente à sede da AIMA, em Lisboa, às 10.00 horas. Segundo o grupo, a ação foi convocada pelo incumprimento do prazo dado pela agência para o envio dos títulos de residências atrasados. A promessa tinha sido feita aos estrangeiros há um mês, quando realizaram um protesto no mesmo local. Antes, a mesma iniciativa havia sido realizada em Portimão, no Algarve, com igual reivindicação. Ao DN, a AIMA diz que "estão resolvidas as situações que eram passíveis resolução" referentes ao protesto do dia 18, informação negada pelos imigrantes.

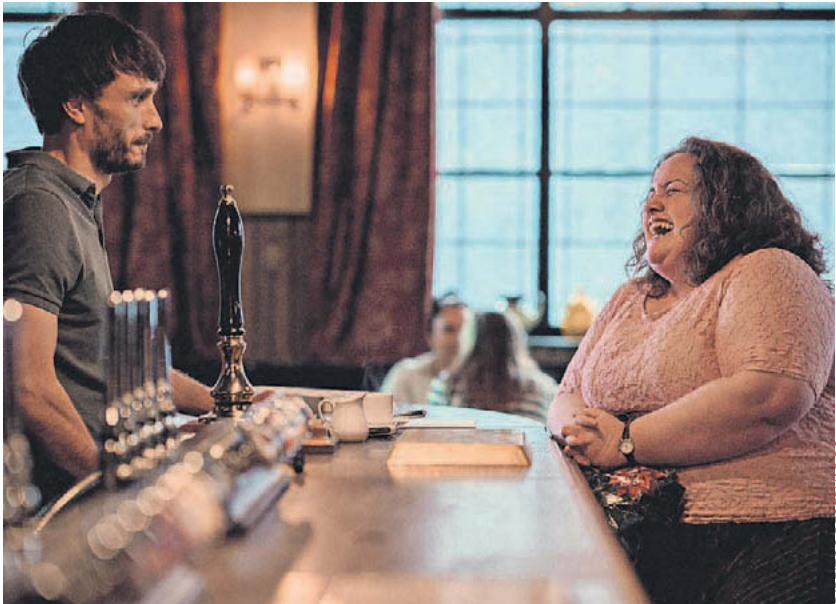
Os porta-vozes do grupo também relatam que a manifestação vai marcar a indignação por não haver reagrupamento familiar para adultos sem filhos e crianças com menos de 5 anos, além de não conseguirem contacto com a AIMA, seja por telefone ou *e-mail*. Nestes protestos, a maior parte dos participantes é de origem indostânica. Como o DN relatou no momento da ação anterior, há casos de imigrantes que não puderam ir a funerais de familiares e outros com o contrato de trabalho em risco de não ser renovado pela falta do título de residência.

No Porto, um grupo de brasileiros também protestou a 28 de março, perante a impossibilidade de renovação dos documentos. A advogada Priscila Correa levou alguns dos casos mais urgentes à direção do balcão, como de mães, chefes de família, demitidas por não terem o título válido. Até agora, não teve resposta e outras demissões já ocorreram desde então. Sobre o assunto, a AIMA não deu esclarecimentos ao DN. O jornal tentou obter informações do Ministério da Presidência, com a tutela das migrações, mas não teve resposta até o fecho desta edição.

amanda.lima@globalmediagroup.pt

Baby Reindeer. Série mostra uma obsessão real

Richard Gadd é o argumentista e protagonista da série da Netflix *Baby Reindeer* (estreou-se no dia 11), baseada no caso real do humorista escocês que foi perseguido por uma fã durante alguns anos e cuja obsessão envolveu o envio de 40 mil *e-mails*, 350 horas de *voicemails* e 100 páginas de cartas. Nesta série a história é contada pela relação entre Donny Dunn e Martha, com esta a perseguir o *barmen* que lhe oferece uma bebida.

DIREITOS RESERVADOS

Stalking: Maioria das vítimas são mulheres e muitas não procuram ajuda

PERSEGUIÇÃO No dia dedicado à sensibilização para o fenómeno (que em Portugal só é crime desde 2015), a APAV volta a apelar para que não se normalizem determinados comportamentos.

TEXTO **PAULA SOFIA LUZ**

"Começa com uma mensagem e acaba por tomar conta da sua vida." A frase que deu nome à campanha da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), em 2016 – um ano depois de ser criminalizado em Portugal – volta a soar de novo neste 18 de abril, dedicado à sensibilização para o fenómeno do *stalking*, consagrado no Código Penal como crime de perseguição.

Só no ano passado chegaram à APAV mais de 200 pedidos de ajuda, e estima-se que o número de vítimas será bem superior, já que a maioria permanece em silêncio.

Emanuela Braga, da direção da APAV, uma das primeiras a estudar o fenómeno em Portugal (fez mestrado em 2010 e integrou um grupo de investigação na Universidade do Minho) conta ao DN que têm chegado cada vez mais pedidos de ajuda por parte de vítimas.

"Houve um aumento significativo logo a seguir à criminalização, que só aconteceu em 2015". Desde então, esse aumento manteve-se, embora entre os anos de 2022 e 2023 o número seja idêntico. De acordo com os dados disponíveis, no ano passado a APAV recebeu 223 queixas, o que corresponde a 0,7% dos crimes e outras formas de violência que ali chegam.

Na língua portuguesa não há uma palavra que traduza o *stalking*, e por isso continua a usar-se o termo inglês. Porém, o que os especialistas sabem é que a legislação o identifica como crime de perseguição, além de assédio persistente: um conjunto de comportamentos que ocorrem de forma reiterada e contínua ao longo do tempo. E a verdade é que há um padrão neste tipo de violência: atinge maioritariamente mulheres, e normalmente os agressores são "alguém com quem já mantiveram algum tipo de relação prévia", explica Emanuela Braga.

Foi o caso de Joana (chamemos-lhe assim), que aos 48 anos se viu obrigada a recomeçar a vida do zero: mudar de casa, de cidade, de profissão. O ex-companheiro não aceitou o fim da relação e moveu-lhe uma perseguição sem limites. Além das mensagens e dos telefonemas, "aparecia na loja de que eu era proprietária, ficava à porta, dentro do carro, com ar ameaçador".

"Primeiro mudei de localização, depois acabei mesmo por fechar a loja, porque ele estava sempre lá. Mudei de número de telefone, e nem sequer pude avisar os meus amigos. Era como uma sombra, estava sempre lá."

Joana conta que, numa fase inicial, quando foi à polícia fazer queixa, "não [a] levaram a sério". E foi essa sensação de insegurança e falta de proteção que a levou a recomeçar tudo, longe, e ainda hoje com reticências em expor o caso.

Depois da violência doméstica

Um ex namorado/companheiro/cônjugue é, na maioria dos casos, quem faz a perseguição. "Contrariamente ao que achávamos há alguns anos, que era feito principalmente por estranhos, hoje sabemos que não é assim. Na grande maioria das vezes a vítima conhece o agressor ou agressora", acrescenta esta responsável da APAV, atualmente a tutelar o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada.

Mas por todo o país há um dado comum: uma correspondência entre a violência doméstica e as situações de perseguição, quando após o fim da relação uma das partes não aceita, e inicia uma campanha de assédio contra a vítima. E esse é um fator relevante: "Por vezes existe a ideia de que após a rutura da relação cada um vai à sua vida e a situação fica resolvida. Só que não. Na maioria das vezes é o contrário", afirma Emanuela Braga. Por outro lado, "com o passar do tempo os comportamentos de perseguição tendem a escalar, não só em termos de frequência como em termos de intensidade."

Numa fase inicial, o *stalking* pode ser quase desvalorizado, uma vez que parece agregar um conjunto de comportamentos "aparentemente inofensivos", até rotineiros. Além do envio de mensagens ou telefonemas, são os presentes que chegam sem aviso, aparecer em locais que a vítima habitualmente frequenta. Não raras vezes, a vítima não identifica de imediato a perseguição, desvalorizando-o. "A mensagem que pretendemos passar é que nunca deve ser desvalorizado. Porque quando se inicia este padrão comportamental, a tendência, com o passar do tempo, é escalar".

O *stalking* é uma forma de violência definida como um conjunto de comportamentos de assédio e ou perseguição praticados, de forma persistente, por uma pessoa contra outra, de forma a provocar-lhe medo ou inquietação, sem que esta o deseje e/ou consinta. Os autores destes comportamentos de assédio podem ou não ser alguém que a vítima conhece, ainda que frequentemente o assédio persistente seja perpetrado por ex-parceiros/as íntimos/as.

A APAV alerta para a natureza aparentemente inofensiva e até lisonjeira que os comportamentos de *stalking* podem assumir numa fase inicial. E ao mesmo tempo, a associação procura sensibilizar para a possibilidade de estes comportamentos se agravarem e intensificarem, tornando-se mais intimidatórios, assustadores e perigosos para a vítima. Há uma Linha de Apoio, 116 006 (número gratuito) e uma rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima prontos a ajudar.

paula.sofia.luz@ext.dn.pt

TOP DE CRIMES E OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA

Violência doméstica **23 465 (75,8%)**	Difamação/injúria **735 (2,4%)**	Assédio moral (mobbing) e/ou sexual (contraordenação) **201 (0,7%)**
Crimes sexuais contra crianças e jovens **1760 (5,7%)**	Burla **467 (1,5%)**	Discriminação e incitamento ao ódio e à violência (contraordenação) **193 (0,6%)**
Ameaça/coação **933 (3%)**	Crimes sexuais contra adultos **459 (1,5%)**	
Ofensas à integridade física **849 (2,8%)**	Perseguição/*stalking* **228 (0,7%)**	

BREVES

13 milhões visitaram monumentos

O património português considerado Monumento Nacional, como castelos, igrejas e palácios, acolheu 13 milhões de visitantes em 2022, a maioria estrangeiros, segundo um inquérito divulgado pelo Observatório Português das Atividades Culturais (OPAC). Os dados constam de um inquérito feito em 2023 pelo OPAC sobre a utilização, o acesso, os visitantes e os recursos humanos do património português em 2022 e que estava classificado como Monumento Nacional. Comparando com 2021, ano ainda de ligeira recuperação das medidas de contenção da covid-19, 2022 registou um aumento de 116,4% no número total de visitantes. Dos 13 milhões de visitantes contabilizados em 2022, 6,8 milhões (ou seja, 52,6%) foram estrangeiros. O inquérito foi feito a partir de uma amostra de 225 Monumentos Nacionais visitáveis, de um total de 345 considerados.

Lisboa aprova subida do valor da Taxa Turística

A Câmara de Lisboa aprovou ontem a proposta de PSD/CDS-PP para aumentar o valor da Taxa Turística de Dormida, passando de dois para quatro euros por noite, viabilizando uma alteração do PS para excluir os parques de campismo. A proposta de PSD/CDS-PP prevê também a atualização da Taxa Turística de Chegada por via marítima, de um euro para dois euros, ainda que o valor que agora se propõe atualizar é o que começou a ser aplicado este ano, com o início da cobrança desta taxa aos passageiros de cruzeiro. Em reunião privada do Executivo Municipal, a proposta de PSD/CDS-PP foi aprovada com a abstenção de PCP e os votos a favor dos restantes vereadores, designadamente os proponentes, PS, Livre, Cidadãos Por Lisboa (eleitos pela coligação PS/Livre) e BE, segundo fonte autárquica.

"Ligaram do Hospital de Santa Marta. Há uns pulmões para ti"

META A única unidade de transplantação pulmonar no país ultrapassou os 400 doentes tratados. Um marco que será hoje assinalado por profissionais e doentes na presença do Presidente da República e da ministra da Saúde. Para o coordenador da unidade o dia é de celebração de "um caminho de maturidade", mas "queremos ir mais longe". Até porque, normalmente, há 60 a 70 doentes em lista de espera.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Paulo Fradão tem 55 anos e diz que já vai na sua segunda vida. Uma até aos 48 e outra que já tem quase sete anos e que começou a 30 de maio de 2017. "É uma nova vida. E completa. Para quem não corria e andava de forma muito limitada, para quem não conseguia subir umas escadas e estava a oxigénio há 12 anos, de repente poder respirar, caminhar e dançar foi uma segunda *chance* para uma nova vida." Paulo é um dos 410 doentes tratados na Unidade de Transplante Pulmonar da Unidade Local de Saúde (ULS) São José, em Lisboa, a funcionar no Hospital de Santa Marta. É a única no país desde 1991 a fazer esta transplantação, desde "que o dr. Rui Bento e a sua equipa fizeram o primeiro transplante cardiopulmonar".

Ao longo do tempo, pode mesmo dizer-se que, pelo menos, 820 pulmões, tendo em conta que cada doente recebe por norma dois, já passaram pelas mãos das equipas daquele serviço e com bons resultados. Mas, como diz o coordenador da Unidade de Cirurgia Torácica do Hospital de Santa Marta, Paulo Calvinho, "queremos ir mais longe, fazendo mais". O número de transplantes aumentou nos últimos dois anos. Em 2022, bateu-se o primeiro recorde com a transplantação de 76 pulmões em 38 doentes. No ano passado, foi alcançado novo máximo: 88 pulmões em 44 doentes. Este ano, já foram transplantados 11 doentes. "Mas não estamos satisfeitos. A nossa meta é chegar aos 60 a 70 doentes transplantados anualmente, daqui a dois ou três anos", explica o coordenador. Só assim será possível dar resposta ao número de doentes que existem normalmente em lista de espera.

"Estamos a fazer um caminho para chegar a bom porto, e acreditamos que com a aquisição da tecnologia que está prevista para muito breve este objetivo será possível alcançar".

Por agora, e no dia de hoje, a ULS São José, o Hospital de Santa Marta, profissionais e doentes celebram a passagem da barreira dos 400 doentes transplantados, numa cerimónia a ter lugar esta manhã, a partir das 9.30, no Auditório da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, em Campolide, que conta com a presença do Presidente da República e da nova ministra da Saúde, Ana Paula Martins.

E se os profissionais celebram um caminho feito, os doentes celebram uma nova vida, agradecem "a toda a equipa" e deixam uma mensagem de esperança: "Cada doente tem de pensar que será um caso de sucesso", sublinha Paulo, mesmo depois de assumir que ele próprio começou por ter uma reação de medo, de receio, de nervos cada vez que pensava no transplante, até receber a segunda chamada para uma nova vida quando estava na consulta com a médica que o acompanha no Hospital Egas Moniz e que o referenciou para o transplante do pulmão. Que lhe disse: "Tem de ir já. Chegou a sua hora, algum dia tinha de ser."

> Em 2022, bateu-se o primeiro recorde com a transplantação de 76 pulmões em 38 doentes. No ano passado, aconteceu novo recorde: 88 pulmões em 44 doentes. Este ano já foram transplantados 11 doentes. A meta "é chegar aos 60 a 70".

Depois de três a quatro anos de espera, à segunda foi de vez

Paulo recebeu uma primeira chamada do Hospital de Santa Marta para o transplante a 30 de agosto de 2016, numa noite em que jogava Uno com o filho mais novo e com os sobrinhos em casa.

A tarde tinha sido passada em família e a petiscar caracóis e cerveja, porque nada fazia prever que ao início da noite o telefone tocasse, a mulher atendesse e lhe passasse a chamada: "É do Hospital de Santa Marta. Temos uns pulmões para si".

Normalmente é assim, por telefone, que os doentes sabem que a sua vez chegou. Paulo estava em lista de espera "há uns três ou quatro anos", mas cada vez que pensava no transplante "tinha muito receio e ficava com uma tosse desgraçada, não comia, nem dormia".

"Quando recebi aquela chamada fiquei nervosíssimo", desabafa ao DN. Mas não foi naquela altura que sua vida mudou. "A enfermeira começou a fazer-me perguntas sobre se tinha jantado e o que tinha sido. E eu tive de dizer que andei a comer caracóis a tarde toda e que ainda me faltava fazer uma TAC. Ela falou com a dr.ª Luísa Semedo, que acabou por me dizer que então não poderia ser."

Mas nem isso o acalmou: "Com os nervos fartei-me de vomitar e não dormi nada." Paulo sofria de DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica) e há 12 anos que respirava à custa de uma garrafa de oxigénio. "Era fumador, mas em 1998 tive os primeiros sintomas da doença e deixei", conta.

O início da doença fez com que começasse a ser acompanhado no Hospital Egas Moniz pela médica Helena Lucas, mas em 2005 o seu estado piorou muito, passando a respirar com a ajuda de oxigénio. Uns tempos depois foi referenciado para transplante pulmonar, mas só à segunda chamada é que este se concretizou.

"Foi uns meses após a primeira chamada, 30 de maio de 2017. Um amigo ia levar-me no seu carro ao Egas Moniz para uma consulta e o telemóvel começou a tocar, mas ia com o cinto e a garrafa de oxigénio e por questões de segurança não conseguia atender. Quando cheguei ao hospital vi que era a minha mulher. Liguei-lhe e ela diz-me: 'Paulo, ligaram-te do Hospital de Santa Marta? Temos de ir já para lá. Há uns pulmões para ti'."

"Ao contrário da primeira vez, fiquei calmíssimo. Falei com a minha médica e disse-lhe que tinha acabado de receber a chamada. Ela também me disse que era agora. Levei os exames que tinha feito e fui para Santa Marta. Esperei pela minha mulher sentado num pilar na rua à frente do hospital. Quando chegou, entrámos e ficámos a aguardar numa sala de espera onde estava outro casal, que também tinha sido chamado, e, a partir daqui, pouco mais recordo deste dia. A minha mulher é que me foi contando."

Paulo explica ainda que ele e o outro doente não se deveriam ter cruzado, mas, a verdade, é que "aconteceu e desde aí ficámos grandes amigos". E se antes a vida "era difícil de várias maneiras, porque nos sentimos impotentes, porque o medo nos persegue, porque a doença traz outros problemas, como os financeiros, a partir daqui há uma nova vida".

Hoje, Paulo integra a Associação de Transplantados Pulmonares de Portugal (ATPP) e a cada doente com quem fala repete o que lhe foi dito pela presidente da associação: "Sei que cada caso será um caso de sucesso." Atualmente, procura ajudar os outros desfazendo dúvidas e dando o máximo de informação, para que não receiem o transplante. "Digo-lhes para não perderem a esperança e que a vez deles há de chegar."

Com mais apoio técnico será possível transplantar mais

O sentimento de que "tudo vai correr bem" é também transmitido pelos profissionais. Aliás, é isso mesmo que sentem ao longo destes mais de 30 anos de atividade. "Para a unidade, celebrar os mais de 400 doentes significa que celebramos um percurso, que foi difícil, mas pioneiro, que celebramos todos os intervenientes neste processo, desde o nosso hospital a todas as outras estruturas que nos apoiam nesta demanda

Paulo Fradão teve nova vida, ao fim de 12 anos a respirar com oxigénio.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

– hospitais, gabinetes de referenciação, Força Área, INEM, etc. Significa que celebramos a maturidade um serviço prestado por um grupo de pessoas que fazem um trabalho que é absolutamente essencial", destaca Paulo Calvinho.

Um trabalho que, diz, "é de missão, de interajuda e internacional". Por isto também, e para se manterem os bons resultados na atividade, defende que é a hora de ir mais longe. "Com apoio técnico, por exemplo, malas que permitem manutenção do órgão durante 12 horas, poderemos avançar para um modelo mais abrangente de doação, como fazem a Áustria, a Alemanha, a Bélgica e a Holanda, que partilham entre si os órgãos disponíveis", explica.

Portugal é dos países que está bem posicionado no *ranking* da doação, mas, mesmo assim, o médico do Santa Marta considera que este é o ponto em que "se marca passo na transplantação, não no sentido negativo, mas no sentido em que é preciso termos mais dadores e mais órgãos".

"Já transplantamos 98% dos pulmões que nos são oferecidos e que têm viabilidade e compatibilidade. O nosso trabalho vai de Bragança a Vila Real de Santo António, os nossos dadores são de todo o país, mas é preciso continuar o trabalho de sensibilização de todos os profissionais para a doação e transplantação pulmonar, porque esta exige características específicas", refere Paulo Calvinho.

A transplantação pulmonar é feita, sobretudo, com dadores nacionais que sofreram paragens cardiorrespiratórias, mas há situações em que é necessário lançar alertas a Espanha para ver se há órgãos compatíveis. "Eles fazem o mesmo: este ano já vieram colher órgãos por duas vezes de dadores com 1,80m e 1,90m de altura para quem não tínhamos doentes compatíveis".

Mas, chegados aos mais de 400 doentes transplantados, os profissionais acreditam que com nova tecnologia é possível recolher mais órgãos que agora se consideram não estar em condições e alargar o espaço da doação para mais longe do que Espanha. A meta da unidade continua a ser a da excelência e os melhores resultados para os doentes.

anamafaldainacio@dn.pt

966

Órgãos Este é o número de órgãos transplantados em Portugal em 2023, o maior número de sempre. Em 2022, foram transplantados 814 órgãos, o que também já foi um recorde. O rim continua a ser o órgão mais transplantado.

BREVES

Português detido aguarda extradição

Um cidadão português, com 40 anos, está preso preventivamente no âmbito da *Operação Montana*, a aguardar um pedido oficial de extradição das autoridades espanholas. O suspeito foi ontem presente ao Tribunal da Relação do Porto, revelou o coordenador de investigação criminal da Unidade Nacional de Combate à Corrupção da PJ. A operação conjunta das autoridades portuguesas e espanholas permitiu desmantelar uma rede criminosa internacional de tráfico de estupefacientes e branqueamento de capitais, ativa há oito anos na União Europeia e América do Sul. Foram detidas 20 pessoas e realizadas 13 buscas sob coordenação da Europol. A rede usava identidades roubadas de cidadãos colombianos, portugueses, espanhóis e venezuelanos, sendo suspeita da *lavagem* de mais de 10 milhões de euros.

Menopausa: mal-estar afeta 600 mil mulheres

Cerca de metade das 1,2 milhões mulheres (12% da população) que passa atualmente pelo período da menopausa em Portugal "assume mal-estar" nesta fase, indica uma investigação. Esta é "a maior de todas as fases da saúde da mulher, ocupando, em média, 40% das suas vidas" e "é, também, a fase em que mais sofrem: cerca de metade das mulheres assumem mal-estar nesta fase o que, comparando com o mal-estar exibido na puberdade (20% das mulheres) é um número 140% superior, e comparando com o mal-estar exibido na maternidade (12% das mulheres) é um número 300% superior. Segundo o estudo, a fase da menopausa é "muito pouco valorizada e falada" também pelos "médicos e profissionais de saúde", apesar de lhe serem associados "mais de 30 sintomas".

Opinião
Rute Agulhas

Estatuto de mulher dona do mundo

A recente sugestão da criação do "estatuto de mulher dona de casa" significa, por si só, um retrocesso de décadas na forma como o papel dos homens e das mulheres tem vindo a ser concetualizado em Portugal. Constitui uma ofensa para as mulheres, mas também para os homens.

Que a maternidade está associada às mulheres, isso não se questiona. Tal como a paternidade está associada aos homens. E é por carregar no ventre um bebé durante nove meses que a mulher é, necessariamente, mais capaz e competente para cuidar dos filhos? A resposta é não, ou não teríamos em Portugal (e no mundo) as prevalências que temos, relativamente à negligência e aos maus-tratos sobre crianças, acima de tudo perpetrados pelas figuras maternas. O amor materno não é inato, tal como inato não é o amor paterno. Constroem-se ambos na relação com os filhos. Falamos, portanto, de um laço afetivo que precisa de tempo e de envolvimento.

Assim, da mesma forma que as mulheres podem ser capazes de desempenhar com brio as tarefas de casa e cuidar dos filhos, também os pais (homens) o podem fazer. Pois não se conhece um qualquer gene para se ser "dona de casa", exclusivo de quem nasce com um útero e uma vagina.

As mulheres podem optar por não trabalhar e ficar em casa a cuidar dos filhos. É um direito que têm – pensar de forma crítica e efetuar escolhas com as quais se sintam confortáveis.

E os homens também.

As mulheres sabem limpar o pó, cozinhar arroz e pôr uma máquina de roupa a lavar.

Os homens também.

E as mulheres podem também optar por trabalhar fora de casa e equilibrar a vida familiar e a profissional. Se é fácil? Não, não é. Sabemos que as mulheres são mais sobrecarregadas com as tarefas domésticas do que os homens. Face a isto, as mulheres não pedem ainda mais tarefas domésticas, porque apenas elas as sabem realizar. Pedem, sim, maior igualdade na gestão do espaço privado. E os homens agradecem, especialmente se pensarmos nos cuidados das crianças, que os pais reclamam (e bem) cada vez mais.

E é esta mesma igualdade no espaço privado que se reclama, também, no domínio público. Que homens e mulheres possam escolher a carreira profissional que bem entenderem, que sejam igualmente remunerados e reconhecidos e que possam, ambos, se assim desejarem, conquistar o mundo. Na perspetiva das crianças, podemos ainda afirmar que os seus direitos apenas podem ser salvaguardados se ambos os pais virem os seus direitos assegurados, em casa e no trabalho.

Reclamamos, portanto, o "estatuto de mulher dona do mundo", extensível a todos os homens.

> **"Não se conhece um qualquer gene para se ser 'dona de casa', exclusivo de quem nasce com um útero e uma vagina."**

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

LÍBIA FLORENTINO / GLOBAL IMAGE

Das mais de 24 mil reclamações encerradas no ano passado, o Banco de Portugal encontrou indícios de infração em 883.

Queixas a ritmo recorde obrigam bancos a ressarcir mais de 8 milhões

SUPERVISÃO Quase 27 mil reclamações sobre a conduta das instituições de crédito deram entrada no Banco de Portugal em 2023, um crescimento de 24% em relação ao ano anterior.

TEXTO **MARIANA COELHO DIAS**

O Banco de Portugal (BdP) recebeu 26 976 reclamações sobre a conduta das instituições nos mercados bancários de retalho durante o ano passado, número que compara com as 21 778 queixas registadas pelos clientes no período homólogo e que representa um crescimento de 24% – o maior desde que há registo, segundo o *Relatório de Supervisão Comportamental*, divulgado ontem pela entidade governada por Mário Centeno.

A insatisfação com o setor financeiro continuou a subir em 2023, à boleia do incremento das matérias relacionadas com "a qualidade da informação reportada pelas instituições sobre responsabilidades de crédito, o direito ao reembolso antecipado no crédito à habitação [excluindo a suspensão da comissão estabelecida pelo Decreto-lei n.º 80-A/2022], alegadas situações de fraude em operações nos canais digitais e a aplicação das medidas de apoio aos mutuários de crédito à habitação", explica o regulador.

Isolando os fatores de natureza conjuntural, nomeadamente os relacionados com a implementação das medidas temporárias que visam mitigar o impacto do aumento das taxas de juro nos mutuários de crédito à habitação, a subida das reclamações relacionou-se, em parte, com o facto de a maioria dos pedidos de renegociação dos contratos não terem subjacentes situações de risco de incumprimento e, por esse mesmo motivo, terem sido tratadas pelas instituições como "renegociações comerciais".

> Crédito aos consumidores, depósitos bancários e empréstimos à habitação estiveram na origem da maior parte das reclamações dos clientes.

O crédito aos consumidores, os depósitos bancários e o crédito à habitação e hipotecário foram, segundo o BdP, os produtos com o maior número de ocorrências – juntos, representaram mais de 71% do total, o que, na consideração do supervisor, reflete "a importância relativa destes mercados".

Em detalhe, enquanto na ótica do crédito aos consumidores foram recebidas 7269 queixas (+23% do que em 2022), relacionadas sobretudo com cartões e crédito pessoal, no segmento dos depósitos bancários contabilizaram-se 6998 (+7,6%), entre as quais se destacam as relativas a insolvências e penhoras em contas de depósitos à ordem. Do lado do crédito à habitação e hipotecário, o número de reclamações mais do que duplicou em relação a 2022, totalizando 4917 queixas.

Quanto à lista negra do crédito ao consumo, o Crédit Agricole Auto Bank lidera, com 3,59 queixas por cada mil contratos, seguindo-se o Abanca Servicios Financeiros (2,25) e o Santander Consumer Finance (1,84). Já o BNI, o ActivoBank e o Abanca integram o *top*-3 das instituições mais reclamadas no domínio das contas de depósito à ordem, com 1,95, 0,78 e 0,75 situações registadas por um milhar de contratos, respetivamente. Por último, e já na esfera do crédito à habitação e hipotecário, são protagonistas os bancos CTT (13,21), BNI (11,49) e Abanca (5,76).

Das 24 707 reclamações encerradas no ano passado – das quais 21 161 deram entrada durante o mesmo período –, o Banco de Portugal identificou indícios de infração em 3,6% (o correspondente a 883), uma proporção que compara com os 2,2% observados em 2022. As instituições resolveram a situação reclamada – em média, no espaço de 55 dias –, ainda que não existissem indícios de irregularidades em 42% dos casos.

Devolvidos 8,3 milhões de euros por cobrança indevida

Em resultado das ações de inspeção levadas a cabo pelo supervisor, 111 instituições financeiras foram obrigadas a devolver 8,3 milhões de euros aos clientes bancários, relativos a comissões, juros e despesas indevidamente cobrados. Este montante foi significativamente superior aos valores devolvidos em 2021 e 2022. Neste último ano foram ressarcidos aos clientes cerca de três milhões de euros.

Mais especificamente, detalha o Banco de Portugal, a quantia devolvida está relacionada com "uma alteração ao regime dos contratos de crédito aos consumidores que proibiu a cobrança de comissões de renegociação a partir de 1 de janeiro de 2021". Cerca de sete milhões de euros, aliás, destinaram-se à regularização de situações de cobrança irregular de comissões

A entidade reguladora afirma ter emitido, no decurso de 2023, 5814 determinações específicas, recomendações e advertências dirigidas a 112 instituições e instaurado 102 processos de contraordenação a 41 instituições, dos quais 91 resultaram da análise de 801 reclamações de clientes bancários.

Ainda em 2023, terão sido concluídos 113 processos de contraordenação referentes a infrações de natureza comportamental, que conduziram à aplicação de coimas que rondaram, na globalidade, 1,8 milhões de euros.

mariana.dias@dinheirovivo.pt

Portugal tem dos maiores cortes na dívida dos países ricos em 2024 e até final da década

FMI Segundo Vítor Gaspar, este ano, o alívio no rácio da dívida pública será o quinto maior do chamado mundo desenvolvido, ficando Portugal apenas atrás de países como Grécia, Chipre, Islândia e San Marino.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Portugal terá uma das maiores descidas no rácio da dívida pública no grupo das chamadas "economias avançadas" ou ricas em 2024 e até ao final da década, antevê o Fundo Monetário Internacional (FMI).

De acordo com o estudo Monitor Orçamental (Fiscal Monitor), que é elaborado pelo departamento de Assuntos Orçamentais, liderado pelo antigo ministro das Finanças do PSD, Vítor Gaspar, este ano, o alívio no rácio da dívida pública, medido em percentagem do Produto Interno Bruto (PIB), será o quinto maior do chamado mundo desenvolvido, ficando Portugal apenas atrás de países como Grécia, Chipre, Islândia e San Marino.

Tal como o Programa de Estabilidade, o novo Monitor Orçamental do FMI assume um cenário de "políticas invariantes", isto é, considera apenas as medidas já legisladas e aprovadas, como é o caso do Orçamento do Estado para 2024 (OE 2024) e algumas outras que possam ter entrado até ao final de março.

Como noticiou ontem o DN/Dinheiro Vivo, o Fundo dirigido por Kristalina Georgieva prevê que no peso da dívida pública Portugal saia relativamente melhor na fotografia internacional do que diz o atual governo.

O executivo de Luís Montenegro antevê uma descida do rácio de 99,1% do PIB em 2023 para 95,7% no final deste ano. Já o FMI estima que o corte no fardo da dívida possa ser superior em um ponto percentual, caindo para 94,7% do PIB.

A descida face a 2023 rondará, assim, os 4,3 pontos percentuais do PIB, a quinta maior entre os países ricos, ficando no lugar 27 do ranking mundial, que é composto por mais de 190 países, de acordo com um levantamento feito pelo DN/Dinheiro Vivo.

Se assim for, significa que, só com o OE em vigor e sem mais medidas, o departamento de Vítor Gaspar acredita que o fardo da dívida pública nacional possa emagrecer mais 645 milhões de euros ao longo deste ano. O *stock* devido aos credores nacionais e internacionais, na sua maioria bancos e fundos de gestão de ativos, baixa assim para 262,4 mil milhões de euros.

SHAWN THEW/EPA

O ex-ministro das Finanças português, Vítor Gaspar, lidera o departamento de Assuntos Orçamentais do FMI.

O Monitor do FMI faz também contas até ao final da década (2029) e, no caso de Portugal, a tendência de alívio no peso da dívida perdura, com o país a registar o terceiro maior declínio do rácio (-22 pontos percentuais), ficando apenas atrás da Grécia (-30 pontos) e do Chipre (-27 pontos do PIB). A nível mundial, Portugal ficará na posição 22 (em mais de 190 países) em termos de compressão do endividamento público. Chega ao final da década com um rácio de 76,9% do PIB, já bastante mais próximo da meta do Pacto de Estabilidade (60%).

Este ano, uma das peças decisivas para puxar para baixo a dívida portuguesa é, claro, a amortização de grandes pacotes de dívida de médio e longo prazo, designadamente, Obrigações do Tesouro (OT).

Do início do ano até final de fevereiro, a República já tinha reembolsado 7,6 mil milhões de euros em OT aos seus credores, faltando ainda pagar 8,5 mil milhões de euros em OT até ao fim do ano, segundo dados oficiais da agência que gere a dívida portuguesa (IGCP). A este valor acresce um reembolso à Comissão Europeia de 1,6 mil milhões de euros por conta de empréstimos feitos no âmbito da pandemia.

> Ex-ministro das Finanças de Passos Coelho adverte que é preciso "controlar a tentação dos governos, que tendem a usar a política orçamental para obter ganhos políticos."

Outro indicador importante calculado pelo gabinete de Vítor Gaspar é o excedente orçamental. Como referindo ontem, no âmbito do estudo das Perspetivas Económicas Mundiais, o FMI aprova o mesmo valor de excedente previsto no OE socialista, de 0,2% do PIB em 2024, ligeiramente abaixo do que dizem as Finanças, que antecipam um saldo ligeiramente superior, de 0,3%.

Mas o FMI também confirma que, no embalo das políticas atuais, Portugal consegue entregar excedentes públicos até ao final da década: 0,2% do PIB todos os anos até 2029.

Ontem, na conferência de imprensa que deu em Washington, Gaspar defendeu que "agora é o momento certo para os países fazerem uma normalização da sua política orçamental", reduzindo assim o peso da despesa acumulada (e dívida para a financiar) ao longo dos últimos anos por causa das sucessivas crises.

"A inflação está a cair, os riscos estão equilibrados e é muito importante que as autoridades [governos] mantenham o curso", insistiu o ex-ministro do governo de Pedro Passos Coelho e Paulo Portas.

Segundo o dirigente do Fundo, os países "devem ter como prioridade o controlo da evolução da dívida pública, moderando assim os riscos para as finanças públicas e criando reservas para poderem resistir a choques futuros" pois a incerteza é muito elevada.

"Os países com quadros orçamentais fortes, que utilizam regras que dependem de instituições que garantem uma maior transparência orçamental têm derrapagens muito menores em anos eleitorais", afirmou.

Por isso, advertiu, é preciso "controlar a tentação dos governos que tendem a usar a política orçamental para obter ganhos políticos".

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

O francês Emmanuel Macron conversa com o neerlandês Mark Rutte, favorito como futuro secretário-geral da NATO, enquanto a alemã Ursula von der Leyen fala ao telefone.

LUDOVIC MARIN / AFP

Entre belgas: Luís Montenegro cumprimenta o presidente do Conselho Charles Michel, ladeado pelo rei Philippe e pelo primeiro-ministro Alexander De Croo.

Conflitos relegam temas europeus para segundo plano no Conselho

UE A competitividade e a reforma do mercado único são os temas centrais da reunião extraordinária do Conselho Europeu, mas o primeiro dia da cimeira dos 27, onde se estreou Luís Montenegro, ficou marcado pelas discussões sobre o Médio Oriente e a Ucrânia.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Charles Michel, o presidente do Conselho Europeu que planeou demitir-se do cargo para concorrer como eurodeputado – tendo acabado por desistir perante a chuva de críticas –, convocou uma reunião extraordinária para discutir a economia e a competitividade na União. Os temas de política externa, com o Médio Oriente e a Ucrânia à cabeça, acabam por ofuscar, todavia, o que deveria ser o ponto principal do encontro em Bruxelas, que se iniciou ontem ao fim da tarde e que se prolonga até um "almoço de trabalho" hoje.

"A nossa próxima reunião centrar-se-á no reforço da competitividade. Há muito que se justifica um novo pacto para a competitividade, assim como uma perspetiva renovada", disse Michel na carta-convite aos chefes de Estado e de governo dos 27. "Esta resposta firme e urgente – prosseguiu – é absolutamente fundamental para garantir a nossa prosperidade e a nossa liderança a nível mundial. No essencial, temos de colmatar coletivamente as disparidades em matéria de crescimento e inovação em relação aos nossos pares a nível mundial e salvaguardar a nossa base económica, industrial e tecnológica." Trocando por miúdos, as instituições europeias querem dar um novo fôlego ao mercado único (que cumpriu 30 anos em janeiro) e para tal os líderes vão discutir temas como a união dos mercados de capitais, o reforço da base industrial e produtiva, o desenvolvimento de uma economia de impacto neutro a nível climático e uma agricultura sustentável, tudo isto reforçando a competitividade.

A discussão vai fazer-se à luz da apresentação do relatório "Muito mais do que um mercado", por parte de Enrico Letta. O ex-primeiro-ministro italiano preside agora ao Instituto Jacques Delors, e foi nessa qualidade que no acompanhamento da elaboração do relatório que aponta novos caminhos para o mercado único, visitou 65 cidades e participou em 400 reuniões. Letta destaca o facto de o Produto Interno Bruto da UE ter crescido menos de 30% entre 1993 e 2022, enquanto nos Estados Unidos o crescimento no mesmo período foi quase de 60%. O antigo líder do Partido Democrático advoga que o campo do mercado único se abra aos setores da energia, comunicações eletrónicas e finanças. "Na altura, a exclusão foi motivada pela convicção de que dar prioridade ao controlo interno destas áreas serviria melhor os interesses estratégicos. No entanto, os mercados nacionais, inicialmente concebidos para proteger as indústrias nacionais, representam atualmente um importante travão ao crescimento e à inovação em setores em que a concorrência global e as considerações estratégicas exigem uma rápida passagem para uma escala europeia", afirma no relatório.

Letta aconselha ampliar as liberdades existentes no mercado único (livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais) com uma quinta, relacionada com a liberdade de "investigar, explorar e criar em benefício da humanidade, sem fronteiras e limitações disciplinares ou artificiais" em domínios como a inteligência artificial, a computação quântica ou a biotecnologia. Destaque ainda, no relatório de 148 páginas, para a ideia de um mecanismo de solidariedade para os países já membros da UE fazerem face aos futuros alargamentos. "Uma política de coesão eficaz – aplicada de forma equilibrada em toda a UE – sempre foi, e continuará a ser, uma condição essencial para o êxito do mercado único. A este respeito, a

"Estou preocupado com o facto de estarmos a perder o foco na Ucrânia. É realmente uma pena que tomemos as decisões mas que não as executemos."
Gitanas Nauseda
Presidente da Lituânia

EPA/OLIVIER HOSLET / POOL

criação de um mecanismo de solidariedade para o alargamento, dotado dos recursos financeiros necessários para gerir as externalidades e facilitar o processo de alargamento, poderia ser um instrumento vital para apoiar o processo", lê-se no relatório.

A reunião em Bruxelas começou com os temas mais prementes: o debate sobre os conflitos na Ucrânia e no Médio Oriente. "É importante que a UE tente desempenhar um papel mais substancial para promover a estabilidade [no Médio Oriente] e apoiar o direito internacional", disse o presidente do Conselho Europeu à chegada à cimeira. Nem todos concordam com essa abordagem. O *Politico* mantinha em destaque no site uma análise com o título "A UE toca lira no Médio Oriente enquanto a Ucrânia arde", comparando a inação dos 27 no apoio a Kiev e a sua tentativa de influenciar os acontecimentos em Telavive e Teerão como uma irresponsabilidade de proporções lendárias como a de Nero e a sua Roma em chamas.

Se o francês Emmanuel Macron e o belga Alexander De Croo aproveitaram as declarações à chegada para fazer coro com quem pede o alargamento das sanções económicas ao Irão, outros como o lituano Gitanas Nauseda, a estónia Kaja Kallas ou o alemão Olaf Scholz chamaram a atenção para a situação na Ucrânia e pediram mais defesas aéreas, a exemplo do sistema Patriot que Berlim anunciou enviar. Na mesma tecla bateu o convidado em videoconferência, o ucraniano Volodymyr Zelensky, que defendeu que os céus ucranianos e os dos seus vizinhos "merecem a mesma segurança" do que os de Israel. Para o esboço das conclusões da cimeira, os 27 adotaram a formulação de que a UE deve "fornecer urgentemente defesa aérea à Ucrânia e acelerar e intensificar a entrega de toda a assistência militar necessária, incluindo artilharia e mísseis".

cesar.avo@dn.pt

Netanyahu garante que Israel tem o "direito de se proteger" e nega que haja fome em Gaza

GUERRA Presidente do Irão frisa que resposta a uma retaliação de Telavive será "feroz e severa", ao contrário do ataque do fim de semana, que foi "moderado e punitivo".

TEXTO **ANA MEIRELES**

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu reforçou ontem "o direito de Israel se proteger", numa resposta aos muitos pedidos internacionais para que evite adotar represálias desproporcionais ao bombardeamento iraniano do último fim de semana, sendo que, desde então, Telavive já manifestou várias vezes a sua determinação em responder ao ataque inédito de sábado, apesar de quase todos os 350 *drones* e mísseis lançados por Teerão terem sido intercetados com a ajuda dos Estados Unidos, Reino Unido, Jordânia e França.

Ontem, foi a vez de os ministros dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido, David Cameron, e da Alemanha, Annalena Baerbock, visitarem Israel e pedirem moderação. "Esperamos que Israel reaja de uma forma que contribua o menos possível para uma escalada, e de uma forma ao mesmo tempo inteligente e dura", declarou Cameron. "Agora todos devem agir de forma pensada e responsável; não falo em ceder, falo de moderação inteligente", disse Baerbock.

Nas conversas com os dois ministros, Netanyahu afirmou que Israel se "reserva o direito de proteger-se", enquanto o presidente Isaac Herzog defendeu que "o mundo deve trabalhar de maneira decisiva e desafiadora contra a ameaça do regime iraniano".

De acordo com um comunicado do Governo, no mesmos encontros com Cameron e Baerbock, o primeiro-ministro israelita "desmentiu as alegações das organizações internacionais sobre a fome em Gaza", garantindo que "Israel está a fazer tudo o que é possível em relação à questão humanitária".

Enquanto Israel não decide como e quando responderá ao Irão, o regime de Teerão aproveitou ontem o Dia das Forças Armadas para mostrar, num desfile, o seu poderio militar em termos de mísseis e *drones*. "Se o regime sionista cometesse a menor agressão contra o nosso território, a resposta seria feroz e severa", declarou o presidente iraniano Ebrahim Raisi, após o desfile, dizendo ainda que o ataque do fim de semana foi "moderado e punitivo".

Numa outra frente deste conflito, as negociações para obter uma nova trégua em Gaza, que permita a libertação dos reféns israelitas nas mãos do Hamas em troca de palestinianos detidos em Israel, estão "estagnadas", afirmou ontem o primeiro-ministro do Qatar, país que atua como mediador ao lado dos Estados Unidos e do Egito.

"Estamos a passar por uma etapa delicada, com alguma estagnação, e estamos a tentar, tanto quanto possível, resolver a estagnação", sublinhou ainda Mohamed bin Abdulrahman Al Thani.

O Conselho de Segurança da ONU vota hoje o pedido para a Palestina se tornar um Estado-membro de pleno direito das Nações Unidas. A iniciativa deverá ser vetada pelos Estados Unidos, que considera que esse reconhecimento passa por um acordo com Israel. **Com AGÊNCIAS**

ATTA KENARE / AFP

O Irão realizou ontem um desfile com o seu arsenal militar.

GENYA SAVILOV / AFP

Os ataques contra Chernigiv fizeram, pelo menos, 17 mortos.

Zelensky lamenta vítimas de ataques russos por falta de ajuda militar dos aliados

UCRÂNIA Presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos anunciou que a sua proposta de pacote de ajuda à Ucrânia será votada no próximo sábado.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O presidente ucraniano lamentou ontem a falta de defesas aéreas fornecidas pelos aliados ocidentais que poderiam ter evitado a morte de, pelo menos, 17 pessoas num triplo ataque russo contra a cidade de Chernigiv. "Isto não teria acontecido se a Ucrânia tivesse recebido equipamento de defesa aérea suficiente e se o mundo estivesse suficientemente determinado a resistir ao terror russo", disse Volodymyr Zelensky.

Os ucranianos têm criticado as hesitações dos líderes ocidentais no fornecimento de ajuda militar ao país, sobretudo após uma contraofensiva no verão passado com resultados modestos pelos atrasos na chegada de armamento. Nesse sentido, Zelensky, após uma conversa com o secretário-geral da Aliança, Jens Stoltenberg, disse ontem também que a Ucrânia precisava de uma ação "imediata" da NATO para reforçar as suas defesas aéreas.

"A Ucrânia exige medidas imediatas para fortalecer a sua defesa aérea", afirmou no X. "Os atrasos na ajuda têm consequências no terreno todos os dias", referiu Stoltenberg após a conversa com Zelensky. "Portanto, a minha mensagem aos Aliados é clara: enviem mais para a Ucrânia. Também concordamos em convocar o Conselho NATO-Ucrânia nesta sexta-feira", acrescentou.

Os Estados Unidos – o maior fornecedor de meios militares a Kiev desde a invasão russa – tem um pacote de ajuda à Ucrânia de 60 mil milhões de dólares (cerca de 56,4 mil milhões de euros) bloqueado há meses no Congresso por oposição dos republicanos.

Ontem, o presidente Joe Biden instou o Congresso a aprovar este pacote de ajuda, que também inclui uma outra verba para Israel, dizendo que os aliados dos Estados Unidos estão num momento "crucial" de conflitos contra a Rússia e o Irão.

"Embora ambos os países possam defender habilmente a sua própria soberania, dependem da assistência americana, incluindo armamento, para o fazer. E este é um momento crucial", escreveu Biden num artigo de opinião no *Wall Street Journal*. "É um plano forte e sensato. Não deveria continuar a ser mantido como refém por um pequeno grupo de membros republicanos extremistas da Câmara", escreveu ainda o líder norte-americano.

O presidente da Câmara dos Representantes, o republicano Mike Johnson, disse recentemente que apresentará o seu próprio plano de ajuda, mas enfrenta uma reação feroz de membros radicais do seu partido que se opõem a mais apoio à Ucrânia. Ontem, Johnson anunciou que será realizada no sábado uma votação sobre a sua proposta para renovar a ajuda militar à Ucrânia, bem como a Israel. "Esperamos que a votação da aprovação final desses projetos seja na noite de sábado", anunciou.

A Rússia tem intensificado os ataques contra alvos na Ucrânia nas últimas semanas, sobretudo infraestruturas de energia, tirando partido da fragilidade das defesas aéreas. **Com AGÊNCIAS**

Inundações no Dubai após piores chuvas em 75 anos

As autoestradas do Dubai ficaram inundadas e as pistas do principal aeroporto dos Emirados Árabes Unidos transformaram-se num autêntico mar, depois das piores chuvas desde que há registo (75 anos) na região. Segundo as autoridades, em pouco mais de 24 horas, caíram 254,88mm de água junto à cidade de Al-Ain. A média anual de chuva nos Emirados Árabes Unidos é de 140 a 200mm, sendo que no Dubai a média é ainda menor (97mm). A tempestade, que começou na manhã de terça-feira e se prolongou ao longo do dia – depois de já ter deixado 18 mortos em Omã –, obrigou o Aeroporto do Dubai a suspender as operações por 25 minutos, tendo sido cancelados e desviados vários voos. Apesar de a chuva ter parado, ontem a situação continuava caótica no aeroporto, com dificuldades para passageiros e funcionários chegarem ao local e atrasos de mais de 12 horas em alguns voos.

EPA / STRINGER

Tribunal belga autoriza evento de Orbán: "Vivemos à beira da opressão"

BÉLGICA Polícia interrompeu primeiro dia da "conferência do conservadorismo nacional" a pedido do autarca de Bruxelas, mas decisão foi criticada pelo Governo e revertida pelos juízes.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O segundo dia da conferência da direita conservadora e nacionalista em Bruxelas decorreu ontem dentro da normalidade, depois de o primeiro dia ter sido interrompido pela polícia a pedido do autarca local, que alegava haver "risco para a segurança pública". A decisão, criticada pelo primeiro-ministro belga, Alexander de Croo, foi revogada pelos tribunais. Os juízes consideraram que, se havia risco por causa de uma manifestação antifascista que estava planeada, deviam ter sido tomadas medidas para lidar com o protesto e não proibir um evento privado.

"Acho que a liberdade na Europa, e especialmente em Bruxelas, está em perigo", disse o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, quando finalmente subiu ao palco como previsto e criticando a decisão do autarca de Saint-Josse, Emir Kir. "Quer chamemos isto de comunismo ou não, estamos a viver à beira da opressão na Europa", acrescentou, aproveitando o discurso para defender uma "mudança de liderança" nas próximas eleições europeias. "Se a liderança se revela má, tem de ser substituída. É simples", afirmou Orbán – que tem ligações aos organizadores da conferência.

Na terça-feira, a polícia não suspendeu totalmente o evento onde também discursou o ex-líder do UKIP, Nigel Farage, mas proibiu a entrada de pessoas no local. O francês Éric Zemmour, candidato às presidenciais de 2022, foi um dos oradores impedidos de entrar. "Graças a Deus, graças à pressão que fizemos, graças ao escândalo em toda a Europa, a Europa mostrou que ainda é o continente da democracia liberal e do Estado de Direito", defendeu aos jornalistas, após ter subido ao palco.

Viktor Orbán
Primeiro-ministro húngaro

Quem também discursou no evento foi a líder do Partido Nova Direita, Ossanda Liber, que numa nota de imprensa considerou a atuação do autarca como "típica dos movimentos de esquerda radical e da sua cultura de cancelamento, inimiga da Democracia, a ideologia política contra a qual estamos precisamente a lutar".

Apesar da decisão do tribunal, o autarca de Saint-Josse defendeu a ordem que tinha dado para suspender o evento. "A minha ausência de simpatia por aqueles que pregam o ódio é assumida, mas foi a manutenção da ordem pública que motivou a proibição", explicou na rede social X, prometendo continuar "vigilante".

susana.f.salvador@dn.pt

Plenkovic vence eleições na Croácia, mas sem maioria

LEGISLATIVAS Atual primeiro-ministro croata perdeu apoios diante da coligação liderada pelo presidente e terá de negociar alianças.

As sondagens à boca das urnas davam ontem a vitória nas eleições croatas à coligação do primeiro-ministro, o conservador Andrej Plenkovic, mas apontavam para uma perda da maioria que pode dificultar um histórico terceiro mandato. Durante meses, e apesar dos escândalos em torno da União Democrática Croata (HDZ), este parecia certo. Mas, em março, o presidente populista e eurocético Zoran Milanovic (chefe de Governo de 2011 a 2016) anunciou que era candidato pelo Partido Social-Democrata (SDP) e o cenário mudou.

Segundo as sondagens, a coligação liderada pelo HDZ conseguiu 58 deputados no Parlamento de 151, menos sete do que tinha agora. Já a aliança liderada pelo SDP terá 44 representantes, mais 24. O Movimento Pátria (extrema-direita) elegeu 13 (mais um) e a plataforma política de esquerda Nós Podemos elegeu 11 (mais seis).

A aliança da Ponte com os fundamentalistas cristão terá eleito nove (menos três), enquanto os centristas do IDS conseguiram apenas dois (menos 11). Outros dois partidos elegem mais três deputados.

Plenkovic terá de negociar novas alianças para conseguir formar Governo, sendo que, devido aos escândalos de corrupção no Executivo, até os parceiros tradicionais de direita têm descartado dar o seu apoio.

Oficialmente, Milanovic não era candidato, já que o Tribunal Constitucional disse que só o poderia ser se deixasse a presidência (cargo principalmente cerimonial). Mas isso não o impediu de fazer campanha e atacar Plenkovic. O mandato de Milanovic só termina em janeiro, mas ele disse que se demitiria caso o SDP e os aliados conseguirem formar Governo.

As eleições foram as mais participadas nas últimas duas década, com 50,6% dos eleitores a votarem até às 16.30 locais (mais 16,56% do que em 2020). **S.S.**

Análise
Germano Almeida

Trump a vasculhar no caos

Trump está a jogar no caos internacional para voltar à Casa Branca. O ataque do Irão a Israel foi o mais recente exemplo de como o candidato republicano tenta aproveitar tudo para lançar a ideia de que Biden "enfraquece os EUA" e não é capaz de resolver as guerras. "Comigo a presidente, nada disto acontecia", atira Donald, nos comícios. "Vocês sabem-no, eles sabem-no, toda a gente sabe."

"Deus abençoe o povo de Israel. Eles estão a ser atacados neste momento. É por sermos tão fracos", afirmou o ex-presidente dos Estados Unidos num comício em Schnecksville, Pensilvânia.

Para quem acompanha os pormenores da invasão russa da Ucrânia e da crescente instabilidade no Médio Oriente parecem insinuações básicas, erradas e sem fundamento. Sucede que grande parte do eleitorado norte-americano não se interessa pelos temas internacionais e revê-se na tese trumpista do "*America First*".

Os riscos crescentes da situação internacional – com uma Ucrânia enfraquecida no terreno e Israel atolada na chacina em Gaza e, agora, na promessa de retaliar contra o regime iraniano, após o ataque de 185 *drones* e 146 mísseis de Teerão contra território israelita no passado sábado – ajudam a essa estratégia de vasculhar no caos.

É de esperar que, nos próximos seis meses e meio, Trump explore o argumento de que Biden tem responsabilidades no agravar da imprevisibilidade dos temas Ucrânia e Israel e queira aparecer como o "construtor da paz" no Leste da Europa (leia-se: capitulação da Ucrânia pelo aperto na ajuda americana e proximidade com a narrativa de Putin de justificar a ocupação russa) e um aliado mais musculado de Israel, capaz de travar a ameaça iraniana.

Até pode vir a ser uma estratégia bem-sucedida. Mas a realidade é um pouco mais complicada do que isso.

Biden corre o risco de se revelar uma espécie de personagem trágica no modo como tem liderado a posição norte-americana nas duas guerras: está a fazer o que é certo, mas isso pode vir a prejudicá-lo eleitoralmente. Para boa parte do eleitorado americano, mesmo do lado democrata, o destino da Ucrânia tem a ver com a Europa e não com os EUA. Já no que toca ao Médio Oriente, o sentimento pró-Israel continua a ser maioritário nos Estados Unidos – mas a crítica a Netanyahu é relevante em setores progressistas.

Ora, essa conjugação pode custar muitos votos a Joe Biden em novembro. Mesmo que até lá tome as decisões mais acertadas para os interesses americanos na gestão das duas guerras.

Do congelamento à capitulação

Trump aposta no congelamento do apoio à Ucrânia, pela via do Congresso, que controla à distância através do desconcertante Mike Johnson, o que tem levado Zelensky quase ao desespero. Donald prepara-se para fazer uma campanha presidencial baseada na ideia de que, com ele, não haverá mais ajudas a fundo perdido, mas apenas com empréstimos. E que, com ele, haverá "paz".

O grande problema é que muita gente não compreende que "paz" será essa: forçar a Ucrânia a ceder e render-se, oferecendo de bandeja a Putin 20% (ou mais, na altura em que essa barganha possa vir a ocorrer) do território ucraniano. Um convite aos poderes autoritários para fazerem o mesmo e não serem travados.

Fiona Hill, antiga conselheira de Trump para a Rússia e Leste da Europa, em rutura com Donald há vários anos (foi uma das testemunhas do primeiro *impeachment* a Trump, em 2019, baseado na questão do financiamento militar americano à Ucrânia que estaria dependente de Zelensky revelar informação privilegiada sobre supostas ligações do filho de Biden à empresa ucraniana Burisma), revela no livro *Novas Guerras Frias: a ascensão da China, a invasão russa e a luta da América para defender o Ocidente*, da autoria do jornalista no *New York Times*, David Sanger: "Trump deixou bem claro que pensava que a Ucrânia, e certamente a Crimeia, devem fazer parte da Rússia."

A diretora sénior para os Assuntos Europeus e Russos do Conselho de Segurança Nacional entre 2017 e 2019 foi mais longe: "Trump não conseguia entender a ideia de que a Ucrânia era um Estado independente."

Com Trump na Casa Branca entre janeiro de 2025 e janeiro de 2029, Putin só terá de esperar uns anos para poder voltar a fazer uma agressão em espaço pós-soviético: seja mais uma parte de território ucraniano, ou a Moldávia, ou a Geórgia. Por isso, Donald Tusk, o regressado primeiro-ministro polaco, tem repetido tanto: "A Europa entrou numa fase pré-guerra."

Atentemos ao que disse o líder do Comité de Inteligência do Congresso, o republicano Mike Turner: "Há colegas meus de partido aqui no Congresso a espalhar propaganda de Putin."

Tem tudo para correr mal.

Especialista em Política Internacional

Opinião
João Almeida Moreira

Memória de Marielle mete medo

No início da noite de 14 de março de 2018, o ex-polícia Ronnie Lessa saiu de Vivendas da Barra, condomínio na zona oeste do Rio de Janeiro onde morava com a filha, Mohana, rumo à Lapa, no centro da cidade. Mohana era, à época, namorada de Renan, filho do vizinho, Jair Bolsonaro, e irmão mais novo de outro vizinho, Carlos Bolsonaro.

Depois de esperar horas a fio, na Lapa, pelo fim de uma palestra de Marielle Franco, do banco de trás de um carro guiado por outro ex-polícia, Lessa disparou, já no Bairro do Estácio, os 13 tiros que mataram a vereadora e o motorista Anderson Gomes. A seguir, ele e o motorista foram a um restaurante ver o jogo do Flamengo.

No ano seguinte, Lessa, considerado um atirador de elite, como todos os matadores de aluguer ligados ao Escritório do Crime, foi preso.

O Escritório do Crime é uma milícia fundada e liderada por Adriano da Nóbrega, o criminoso cuja mãe e ex-mulher faziam parte do gabinete de Flávio Bolsonaro, que o condecoraria com a Medalha Tiradentes, a mais prestigiada do Estado do Rio, na Assembleia Legislativa carioca. "Adriano foi um herói da polícia militar", disse um dia, a propósito do chefe de Lessa, o ex-capitão Jair Bolsonaro.

Só seis anos depois do crime, a polícia chegou aos supostos autores morais: os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão, milicianos que se dedicavam a ocupar ilegalmente terrenos na Zona Oeste do Rio aonde o Estado não chega, a construir imóveis e a cobrar aos moradores pelas casas, pela água, pela luz, pelo gás, pelo esgoto e pela internet em troca de suposta proteção contra traficantes de drogas.

Marielle, segundo um espião que o Escritório do Crime infiltrou no partido dela, tentava convencer a população local a morar noutro lugar. E esse foi o motivo, acredita a polícia, para os Brazão contratarem, primeiro, o vizinho de Bolsonaro para executar o crime e, depois, o delegado da polícia que se encarregou do caso, Rivaldo Barboza, para obstruir as investigações.

A prisão de um deles, Chiquinho, por ser deputado federal, esteve, entretanto, até à última semana dependente da Câmara dos Deputados: conforme a Constituição Brasileira, se a maioria dos seus pares assim o determinasse, ele sairia da cadeia.

Por 277 votos a 129, porém, os parlamentares optaram por manter preso o alegado assassino moral de Marielle. Para os 129 votos vencidos, contribuíram 71 do PL, o partido de Bolsonaro. "Eu não posso admitir que se atropele a Constituição que fala que nós, deputados, só podemos ser presos em flagrante de crime inafiançável", lamentou Eduardo Bolsonaro, o deputado do PL mais inconformado com a derrota.

Porém, no projeto em discussão na Câmara também por esta altura sobre saídas temporárias de presos detidos por delitos leves em datas comemorativas, como o Dia da Mãe, do Pai ou o Natal, Eduardo votou contra. O mote dele, portanto, é: "Para o ladrão de carteiras, a mão impiedosa da lei; para o assassino de Marielle, a compaixão da justiça."

Eduardo é irmão de Flávio, aquele que condecorou o chefe do Escritório do Crime e abrigou a família dele no seu gabinete. E de Carlos, que, como Jair, mora umas casas ao lado de onde Ronnie Lessa, ex-sogro de Renan, outro filho do ex-presidente, saiu naquela noite de 14 de março de 2018 para disparar os 13 tiros que mataram Marielle, cuja memória continua a pairar sobre o bolsonarismo.

O Escritório do Crime é uma milícia fundada e liderada por Adriano da Nóbrega, o criminoso cuja mãe e ex-mulher faziam parte do gabinete de Flávio Bolsonaro, que o condecoraria com a Medalha Tiradentes, a mais prestigiada do Estado do Rio."

Jornalista, correspondente em São Paulo

RUI MINDERICO/EPA

Roger Schmidt quer equipa com mais posse de bola e mais ofensiva do que foi no jogo da primeira mão.

"Bravura, inteligência e motivação." Eis a receita do Benfica para chegar às meias-finais

LIGA EUROPA O treinador Roger Schmidt acredita no apuramento em Marselha apesar do ambiente difícil. Encarnados procuram 15.ª meia final europeia. Kökçü pode ser a surpresa no onze.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Selar a 15.ª presença nas meias-finais de uma prova europeia é o objetivo do Benfica esta noite (20.00 horas, SIC) em Marselha. Depois do triunfo no Estádio da Luz (2-1), os encarnados estão em boa posição para passar a barreira dos quartos-de-final, algo que conseguiram pela última há quase 10 anos, período durante o qual caíram quatro vezes nos quartos: 2015-16, 2021-22 e 2022-23 na Liga dos Campeões; 2018-19 na Liga Europa.

Para vencer no Estádio Vélodrome, o Benfica "precisa de bravura, inteligência tática e muita motivação", segundo o treinador Roger Schmidt, que prevê alguma intranquilidade devido ao golo sofrido na Luz: "Ganhámos a primeira mão e fizemos um bom jogo, mas infelizmente sofremos um golo. Esta partida é diferente, temos de ser iguais a nós próprios para termos possibilidade de chegar às meias-finais."

"Estar preparado para a história do jogo" e tentar antecipar como ele irá desenrolar-se será a chave do sucesso. É isso e ter um futebol ofensivo e também mais agressivo do que aquele que mostrou no encontro na primeira mão, na semana passada, no Estádio da Luz. "É preciso ter mais posse de bola e manter a qualidade nas transições para ser uma equipa mais equilibrada e marcar golos", avisou o treinador.

A equipa de Roger Schmidt tem assim o objetivo de evitar a 12.ª eliminação consecutiva de uma equipa portuguesa nos quartos-de-final das provas da UEFA. Depois do apuramento dos encarnados para as meias-finais da Liga Europa em 2013-14, diante dos neerlandeses do AZ Alkmaar, Portugal soma uma década de eliminações nos quartos: 11 no total. Os encarnados estão na liderança (quatro), FC Porto (três) e Sporting e Sporting de Braga (ambos com duas eliminações).

A nível pessoal, o alemão pode pela primeira vez alcançar as meias-finais de uma competição europeia. "Sinceramente, só penso na nossa equipa e no clube. É importante para o Benfica chegar às meias-finais. Estar nos quartos-de-final já é importante, mas estar nas meias-finais significa que estamos muito perto da final. Temos mostrado na Liga Europa que temos qualidade para atingir este tipo de fases nestas competições. Tudo é possível e avançar seria fantástico", respondeu o treinador alemão, sem revelar se apostará no médio Kökçü no onze inicial, tendo em conta que o internacional turco esteve "muito bem" no encontro com o Moreirense, no domingo, no qual até marcou um golo.

Liga Europa

Quartos-de-final

2.ª mão (hoje às 20.00)

	1ª mão
AS Roma-AC Milan	1-0
Marselha-**BENFICA** (SIC)	1-2
West Ham-Bayer Leverkusen	0-2
Atalanta-Liverpool	3-0

Todos os jogos têm transmissão direta na SportTV.

Adeptos sim e a festejar

E se jogar no Vélodrome é tradicionalmente complicado, Schmidt lembra que a sua equipa está habituada a jogar "em ambientes difíceis" como Glasgow ou Milão. "Cabe-nos mostrar que estamos preparados para este tipo de desafios. Temos de ser uma equipa brava. É sempre uma vantagem para quem que joga em casa, mas termos a mentalidade certa também faz parte daquilo que precisamos para nos qualificarmos", admitiu o treinador do Benfica, acrescentando que "é importante" ter os "exigentes adeptos" encarnados no estádio. A ideia é que eles possam "festejar a passagem às meias-finais da Liga Europa", segundo o treinador. Algo que, a acontecer, aumentará o histórico de sucesso do clube na Europa. É que o Benfica já marcou presença em 14 meias-finais europeias, sendo que apenas foi eliminado em quatro. Um total que é superior ao conjunto de todas as outras equipas nacionais, que têm 12. Foram seis as alcançadas pelo FC Porto, quatro pelo Sporting, uma por Boavista e Sp. Braga.

Esta noite, o Benfica procura a 15.ª meia-final europeia da sua história, sendo que seguiu em frente em 22 de 29 eliminatórias em que na primeira mão venceu em casa pela margem mínima. A última vez que isso aconteceu foi já esta época, frente aos franceses do Toulouse. Neste sentido, tendo em conta o histórico, os benfiquistas têm 75,9% de possibilidades de atingir as meias-finais da Liga Europa.

Ainda para mais com o histórico interessante dos resultados nos 17 duelos em solo francês, onde o Benfica soma quatro vitórias e cinco empates em solo francês, resultados que, sendo replicados esta noite valem o apuramento. As cinco derrotas pela diferença mínima que sofreu nas visitas a França, a repetirem-se, adiarão esta noite a decisão para prolongamento ou, em último caso, para o desempate por penáltis. Apenas em três jogos os encarnados sofreram desaires por dois ou mais golos, o que a repetir-se agora eliminariam a equipa de Roger Schmidt, depois do triunfo de 2-1 na Luz.

Ou seja, para não tombarem nos 90 minutos, os encarnados só não podem repetir os desaires com o Lyon (2-0 em 2010-11 e 3-1 em 2019-20) e a derrota com o PSG (3-0 em 2013-14). Refira-se que, depois do 1-3 com o Lyon de há quatro anos, o Benfica não mais saiu derrotado nas deslocações a França, sendo que a primeira foi na época passada com o PSG (1-1), de Mbappé (marcou de penálti) e Messi (ausente), na fase de grupos da Champions. E já este ano 0-0 com o Toulouse.

isaura.almeida@dn.pt

> "É preciso ter mais posse de bola e manter a qualidade nas transições para ser uma equipa mais equilibrada e marcar golos", avisou Roger Schmidt.

Pinto da Costa torce pelo Benfica... mas só na Europa

REVELAÇÃO Presidente do FC Porto admitiu que nas provas europeias torce sempre pelos emblemas portugueses. E as águias não são exceção.

Pinto da Costa, presidente do FC Porto, revelou ontem que gostaria que o Benfica passasse a eliminatória com o Marselha e conquistasse a Liga Europa – os dragões são a única equipa portuguesa que venceu o troféu, em 2002/03 ainda sob a denominação de Taça UEFA e mais recentemente em 2010-11.

"Independentemente de abrir ou não abrir [uma janela de oportunidade ao FC Porto na Liga dos Campeões], gostava sempre que qualquer equipa portuguesa ganhasse uma prova internacional. Naturalmente que não vou ser hipócrita: em Portugal, quero que o Benfica perca sempre. Mas, quando qualquer equipa nacional está a jogar no estrangeiro, quero que ganhe. Obviamente queria que ganhasse", garantiu o líder dos dragões numa entrevista à rádio Renascença.

Na realidade, mesmo que o Benfica conquiste a Liga Europa e assegure, por essa via, entrada direta na *Champions*, o FC Porto só garante presença na Liga dos Campeões caso termine o Campeonato no 2.º lugar. A outra hipótese seria o vencedor da Liga Europa garantir a qualificação direta, via Campeonato do respetivo país, mas neste caso teria também de ficar na 2.ª posição. Algo difícil de se concretizar, pois neste momento a diferença pontual para as águias, que estão no 2.º lugar da I Liga, é já de 11 pontos.

Com a *Champions* como uma miragem, Pinto da Costa já faz contas para amenizar o impacto financeiro: "Indo à Liga Europa também recebemos dinheiro. E para compensar temos o que nunca tivemos: os 50 milhões que vamos receber no Mundial de Clubes."

"O estádio vai estar em chamas", alerta Gasset

MARSELHA Treinador da equipa francesa conta com os adeptos para dar a volta à eliminatória. E na sessão de ontem treinou grandes penalidades.

Jean-Louis Gasset, treinador do Marselha, está confiante de que o clube francês vai conseguir virar a eliminatória com o Benfica e para isso conta com o apoio dos adeptos que vão estar em grande maioria no Vélodrome. "O estádio vai estar em chamas, mas é preciso arrastar o público connosco através do nosso compromisso. O público fará o seu trabalho e nós temos de estar à altura", disse ontem o técnico do atual 9.º classificado da Liga Francesa.

E com uma desvantagem curta (2-1), equaciona que o jogo seja decidido no desempate por grandes penalidades. Por isso treinou os penáltis na sessão de ontem à tarde. "Faremos um pequeno jogo e veremos todos os jogadores a marcarem penáltis. Não é habitual, mas temos de o fazer", adiantou ontem em conferência de imprensa.

Para Gasset, será imperativo o Marselha "encontrar o equilíbrio para criar dúvidas no adversário e atacar". "Mas temos de ter cuidado nas transições, algo que não fizemos na primeira mão. Eles têm bons jogadores no contra-ataque", alertou, pedindo foco aos seus jogadores, diante de um grande clube, que na época passada chegou aos quartos-de-final da Liga dos Campeões".

"Temos trabalhado na estabilidade defensiva durante toda a semana. Temos de marcar e temos de manter a nossa baliza a zeros. Amanhã [hoje], vamos fazer as duas coisas", acrescentou o técnico gaulês.

Rúben Amorim sonha com registo de Cândido de Oliveira e Galloway

I LIGA Só por três vezes o Sporting foi campeão antes da antepenúltima jornada. Se Benfica escorregar nos próximos dois jogos, treinador leonino pode igualar marca com mais de 70 anos. Recorde é inalcançável.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

O Sporting está a oito pontos de garantir o 20.º título de Campeão Nacional na sua história. Os sete pontos de vantagem em relação ao rival Benfica, com 15 por disputar, fizeram com que a contagem decrescente se tivesse iniciado logo após a vitória (1-0) de anteontem em Famalicão, no jogo em atraso da 20.ª jornada. E as contas são fáceis de fazer, pois se a equipa de Rúben Amorim vencer os próximos dois jogos – com o V. Guimarães em Alvalade e com o FC Porto no Dragão –, a festa será feita com um triunfo na 32.ª ronda, em casa, com o Portimonense. Se tal acontecer, o Sporting será campeão com duas rondas por disputar, algo que aconteceu precisamente em 2020/21 quando Amorim levou os leões ao título, quebrando um jejum de 18 anos.

MIGUEL PEREIRA / GLOBAL IMAGENS

Amorim está a 8 pontos de conquistar o segundo título como treinador.

Contudo, se o Benfica escorregar na próxima jornada em Faro ou na semana seguinte na Luz com o Sp. Braga, o treinador do Sporting pode superar o seu registo de há três épocas quando alcançou o título a três jornadas do final, algo que apenas Cândido de Oliveira (1948/49) e o inglês Randolph Galloway (1950/51) conseguiram há mais de 70 anos. Inalcançável é a marca estabelecida por Fernando Vaz, que em 1969/70 levou os leões à conquista do título a quatro jornadas do fim do campeonato, um recorde em Alvalade.

De resto, em nove das 19 vezes em que se sagrou Campeão Nacional, o Sporting só fez a festa na última jornada, tal como aconteceu em 1999/2000 quando, após uma derrota em casa com o Benfica (0-1, golo do egípcio Sabry), a equipa treinada pelo romeno Laszlo Bölöni foi ao Porto vencer o Salgueiros por 4-0. Em quatro ocasiões, a festa foi feita na penúltima ronda, sendo que a última vez em que isso aconteceu foi em 2001/02... no sofá. Isto porque, após o empate (2-2) no Bonfim com o V. Setúbal, os adeptos do Sporting tiveram de esperar pelo dia seguinte e pela vitória do... Benfica. Isso mesmo, os encarnados venceram o Boavista, na Luz, por 2-1, graças a um golo de Pedro Mantorras a nove minutos dos 90. Os axadrezados, que eram o adversário direto na luta pelo título, ficavam a cinco pontos de distância e os sportinguistas saíram finalmente à rua para festejar.

carlos.nogueira@dn.pt

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Râguebi. Novo selecionador "entusiasmado" para o Mundial

O neozelandês Simon Mannix foi ontem apresentado como selecionador nacional de Râguebi e mostrou-se "entusiasmado" com a oportunidade de trabalhar com os *Lobos*, apontando a um lugar no Campeonato do Mundo que se realiza na Austrália em 2027. "Claro que o grande objetivo é participar no Mundial, mas não apenas participar. Temos de fazê-lo com muito bom rendimento. Com o novo formato do Mundial, Portugal tem de lá estar e não só para participar, mas para competir", definiu o treinador de 52 anos.

Isabelle Huppert em Avignon: como dizer o texto de Tchékhov?

O teatro no coração do cinema

DOCUMENTÁRIO Durante o *Festival de Avignon*, no verão de 2021, o realizador francês Benoît Jacquot acompanhou o trabalho de preparação dos espetáculos de Isabelle Huppert e Fabrice Luchini. O resultado, agora lançado com o título *De Cor(ações)*, é uma bela celebração da arte de representar.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Seria uma pena que o novo filme de Benoît Jacquot (a partir de hoje nas salas) fosse ignorado devido à estranheza do seu título português. De facto, *De Cor(ações)* — assim mesmo, com "ações" entre parêntesis — não será a designação mais fácil de interpretar. Justifica-se, por isso, um pequeno inventário da sua estranheza — até porque, como se perceberá, tal estranheza é totalmente motivada.

Jacquot decidiu documentar o trabalho de dois intérpretes, Isabelle Huppert e Fabrice Luchini, ambos já ligados à sua filmografia — Huppert, por exemplo, estreou-se no universo de Jacquot com o belíssimo *As Asas da Pomba*, adaptação de Henry James datada de 1981. Desta vez, encontramos Huppert e Luchini, no verão de 2021, a preparar espetáculos no âmbito do *Festival de Avignon*.

Que acontece, então? Acompanhamo-los durante os ensaios, enfrentando a árdua tarefa de decorar os textos que vão interpretar. Dito de outro modo: trata-se de memorizar esses textos, isto é, sabê-los "de cor". Em francês, a expressão "de cor" utiliza a palavra "coração", "*par coeur*", daí nascendo o título que Jacquot escolheu: *Par Coeurs* (com "coração" no plural).

Como traduzir *Par Coeurs?* Mesmo considerando que *De Cor(ações)* não reproduz as ambivalências do original, não posso deixar de reconhecer que não tenho resposta para tal pergunta. Haveria, talvez, uma ou outra alternativa que dispensasse qualquer hipótese de fidelidade ao original (por exemplo, "A Memória das Palavras"), mas não tenho a pretensão de encontrar uma "solução" para tão curioso imbróglio. Simplificando, digamos que estamos perante um invulgar e envolvente exercício de cinema que merece ser descoberto.

Elogio do trabalho

Huppert está a estudar o papel central de Liubov, em *O Cerejal*, de Anton Tchékhov, encenado por Tiago Rodrigues, num espetáculo em que participaram Isabel Abreu e, na parte musical, Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves. Descobrimo-la num impasse motivado pelos modos de dizer esta frase: "A desgraça parece-me tão inverosímil que já nem chego a saber o que pensar. Estou confusa." Na tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra da mesma peça (publicada como *O Ginjal*, ed. Relógio D'Água, 2006), a frase surge ligeiramente diferente: "A desgraça parece-me tão inverosímil que não sei o que pensar, estou confusa…"

Luchini surge numa teatralidade "alternativa", já que o seu labor não envolve uma peça. Prepara um monólogo, dir-se-ia uma conferência (apresenta-se mesmo sentado, com um microfone à sua frente), tendo com base diversos textos de Nietzsche, e também algumas citações de Pascal e Baudelaire. Também ele se fixa obsessivamente numa frase, em tom conclusivo, que resume o "génio de Nietzsche": "Porque cada um tem necessariamente a filosofia da sua pessoa, partindo do princípio que se é uma pessoa."

Tudo isto nasce de uma clara cumplicidade, artística e afetiva, de Huppert e Luchini com o realizador — a presença de Jacquot, em *off*, torna-se mais sensível quando lança algumas questões sobre o modo de dizer os textos. Não estamos, portanto, perante uma dessas reportagens (?) em que, convictamente ou porque nesse sentido são manipulados, os atores falam da sua arte como se fosse um medicamento capaz de curar todos os males do mundo, ignorando a especificidade do seu trabalho. A palavra-chave é essa: *trabalho* — os textos são árduos, a sua beleza decorre também da sua resistência.

Uma genealogia francesa

Não há muitos filmes como este *Par Coeurs/De Cor(ações)*. Nele se resiste à ditadura artística das telenovelas e seus derivados que promove a noção (?) segundo a qual representar é apenas ser "natural" — como se qualquer "naturalidade", eventualmente interessante, não fosse também o resultado de um trabalho que começa na recusa de um banal espontaneísmo pueril.

Aliás, convém acrescentar que dizer isto não significa que, cada vez que um cineasta aborda o trabalho dos atores, o resultado esteja obrigado a ser uma "tese" sobre o que quer que seja. Para ficarmos por um exemplo eloquente, lembremos essa comédia genial sobre a "fabricação" de uma estrela de cinema que é *The Patsy/Jerry, Oito e Três Quartos* (1964), de e com Jerry Lewis, por certo um dos títulos mais admiráveis que já se fizeram sobre os bastidores do "*star system*".

Entre nós, o lançamento do filme de Jacquot acontece uma semana depois da estreia da cópia restaurada de *O Amor Louco* (1969), de Jacques Rivette, numa "coincidência" que merece ser sublinhada. À distância de mais de meio século, eis dois autores a enfrentar os mecanismos, ora transparentes, ora enigmáticos, instaurados pelo artifício das palavras — e pela verdade que esse artifício pode transportar. Através das suas diferenças, são cineastas que mantêm viva uma tradição francesa que passa por mestres como Jean Renoir ou Sacha Guitry, sem esquecer a obra de Marguerite Duras, território singular de coabitação de literatura e cinema. Se precisamos de uma ilustração simbólica de tal genealogia, podemos acrescentar que, em *India Song* (1975), título fundamental de Duras, havia um assistente de realização chamado Benoît Jacquot.

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
DE COR(AÇOES)	★★★★		★★
O RAPTO	★★★★	★★★★	★★★★★
A E I O U: UM BREVE ALFABETO DO AMOR	★★		★★★
GUERRA CIVIL	★★★★	★★★	
EM NOME DA TERRA		★★	★★
BACK TO BLACK	★★★★	★★★	★★
NO INTERIOR DO CASULO AMARELO	★★★★★		★★★★
RETRATO DE FAMÍLIA COM TEATRO DE MARIONETAS	★★★★	★★★	★★★
LUPIN III: O CASTELO DE CAGLIOSTRO		★★★★	★★★
O MAIOR LOUCO	★★★★★		★★★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Depois da sessão na *Festa do Cinema Italiano*, *O Rapto* chega finalmente aos ecrãs nacionais.

O filme que Spielberg não fez

HISTÓRIA Um drama histórico pintado com tons de *thriller*, *O Rapto* é um retrato de um abuso do poder do Santo Ofício na Itália de 1858. Regresso em grande forma de Marco Bellochio num projeto que chegou a seduzir Steven Spielberg e que denuncia uma das maiores vergonhas da Igreja Católica.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Interpretar o presente à luz do passado. É isso que Marco Bellochio faz neste *thriller* religioso de época, impiedoso a não ceder da doutrina ao estilo, rigoroso na concretização de um compasso de emoção, tão pesado como retumbante.

Presente na competição do último *Festival de Cannes*, *Rapto* é a história de um rapto verdadeiro conhecido como o *Caso Edgardo Mortara*, ocorrido em 1858, quando o pequeno Edgardo foi violentamente retirado da sua família numerosa judia pela Igreja Católica por ordem do Papa-Rei Pio IX e levado de Bolonha para Roma para uma vida de seminarista.

Trata-se de um caso de justiça irreparável que foi sempre bandeira de protesto de toda a comunidade judaica e mostrou o abuso de poder do Vaticano na esfera pública. Um rapto que provocou ondas internacionais e deixou traumatizados os pais de Edgardo, tendo também indignado Napoleão. Bellochio interessou-se por esta história em parte por ser laico mas, sobretudo, por poder conter uma reflexão de fanatismo religioso, algo tão premente nestes tempos modernos.

Um olhar intimidante

Com um dispositivo narrativo que contrapõe o fervor religioso judaico e católico, acompanhamos uma angústia familiar marcada pelo vazio de um filho perdido e um processo de educação com os rituais clássicos pertencentes a uma regra que se confunde com o mais profundo grotesco.

E aí é interessante observar a transformação de um corpo que se molda, neste caso do menino Edgardo que se torna num homem sem alma perante as algemas de um Estado tão opressivo como obsessivo. Essa observação, mesmo com toda a distância ética, é processada com um tom verdadeiramente inquietante.

O fascismo religioso

O Rapto não tem arrependimentos da sua veia pesada, carregada. É um filme orgulhosamente carrancudo na sua obstinação classicista, não trafulha por truques fantasistas de realização ou por atalhos de elipses – vai direto ao assunto. Um Bellochio seguro no tom e a assinar um dos seus melhores filmes, sempre próximo dessa imponência da sua gravidade. Filma-se o poder e o seu peso maléfico, mas sem nunca se desviar de uma profundidade trágica. E nessa ausência de barroquismos, o efeito prático ajuda nessa ideia de ensaio sobre obediência, como se o militarismo da religião fosse o mandamento de um simulacro do fascismo, sendo precisamente nesse ponto que encontramos rimas com alguns dos grandes filmes do passado de Bellochio.

Com tudo isso, não deixa de ser curioso imaginar este projeto nas mãos de Steven Spielberg, cineasta que chegou a estar na rampa de preparação para filmar este episódio marcante do imaginário judeu em Hollywood. Seria certamente um filme mais didático e com outro nível de espetáculo. Contentamo-nos com o golpe de cinema de Marco Bellochio. Um golpe forte, incisivo e sem medos de denunciar um dos maiores abusos da Igreja Católica no qual não cabem zonas cinzentas, nem dúvidas na descrição dos vilões. O obscurantismo da fé cega numa religião é filmado diretamente. Filtros para quê?

Sophie Rois e Milan Herms, um par improvável.

A idade da inocência

COMÉDIA Os romances não são todos iguais. Eis a "lição" de *A E I O U: Um Breve Alfabeto do Amor*, filme de Nicolette Krebitz, pequena pérola sobre o encontro entre um jovem sem rumo e uma atriz mais velha, a fazer Berlim ganhar ares parisienses.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Não era óbvio que um filme centrado na relação entre um jovem e uma mulher, com grande diferença de idades, desse uma comédia romântica. Esse é o golpe de asa de Nicolette Krebitz, realizadora alemã que, em *A E I O U: Um Breve Alfabeto do Amor*, conseguiu transformar um tópico "dramático" em cinema solto, não-submetido a fórmula, nem obediente a limites impostos. Um filme tão discretamente singular, que as suas personagens parecem, por vezes, não estar sujeitas à lei da gravidade, vivendo numa bolha de fantasia que tem qualquer coisa de graça cinéfila.

Muito diferente, por exemplo, do último filme de Catherine Breillat, *No Verão Passado*, que explora a mesma natureza de relacionamento apontando sempre a seta a um realismo seco e ilustrativo – onde Breillat se destacou pela coragem de tocar num tabu, Krebitz destaca-se pela capacidade inventiva de tocar a estranheza do bailado romântico, sobrepondo-se ao mínimo preconceito.

Os protagonistas de *A E I O U* conhecem-se da maneira mais adequado ao espírito da obra: ela, Anna, uma atriz de meia-idade desiludida com o meio da representação, cruza um olhar rápido com ele, Adrian, enquanto esse jovem delinquente lhe arranca a mala do ombro no meio da rua e desata a correr. Alguém virá em socorro de Anna, conseguindo até recuperar a mala, mas a carteira ficara com Adrian, talvez a sinalizar um futuro roubo do coração...

Por força do destino, os dois voltam a encontrar-se na circunstância em que Anna se torna uma espécie de terapeuta da fala de Adrian (daí as vogais do título), ele que está a preparar um teatro escolar e tem problemas de colocação de voz – para além dos problemas da pequena criminalidade já referida.

Conforme as aulas avançam, em casa dela, os dois vão criando uma ligação em crescendo, que passa da fase professoral à maternal, culminando na expressão mais física do amor, que os leva, inclusive, a um interlúdio de imprudência na Côte d'Azur, longe da cidade de Berlim, onde tudo começou.

Cada um destes atos é sustentado por um brilhante dueto de intérpretes: a austríaca Sophie Rois, que traduz a confiança sedutora e a redescoberta do desejo feminino, e o jovem talento Milan Herms, que combina uma timidez infantil com a energia romântica mais inusitada. Isto sem esquecer o contributo mimoso do veterano Udo Kier, que faz de senhorio e amigo de Anna.

No fim de contas, o que interessa aqui é a própria liberdade da postura cinematográfica de Krebitz. Uma forma de expor a narrativa que não demonstra preocupações com o "peso" do tema – aliás, leveza é a palavra certa para definir o movimento interno do filme –, antes procurando uma inspiração quase de *nouvelle vague* para trabalhar a felicidade crua destes corpos, a sua progressiva adaptação aos sentimentos que vêm à superfície.

Diluindo as ideias do que é moral e socialmente aceite num jogo percetivo que nada tem que ver com as histórias enformadas para servir determinada reflexão, *A E I O U* exibe, pelo contrário, um vigor terno e, ao mesmo tempo, insolente que torna difícil a arrumação numa só categoria. E isso acontece porque a frescura do tom, ao invés de qualquer impulso discursivo, tem a última palavra.

"Como povo, temos dificuldade em lidar com o que correu menos bem"

LIVRO São histórias de quem foi apanhado na *avalanche* da História e teve de se reinventar em terra, por vezes, estranha. Em *Retornados – E a vida nunca mais foi a mesma*, a jornalista Marta Martins da Silva viaja até 1975, quando 600 mil pessoas, vindas de África, desembarcaram em Portugal.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

Numa tarde de 1975, há uma mulher a quem o marido chama para, juntos, apanharem o último avião para Lisboa. Certa de que não é bem assim, ela deixa a sopa ao lume para terem o que comer, quando voltassem, horas depois. Nunca voltaram. António Neves, comando em Angola, perde a visão e as mãos quando se atira para cima de uma armadilha, de modo a salvar os homens do seu Batalhão. Meses depois, estará na placa do aeroporto de Luanda a suplicar a desconhecidos que lhe levassem a filha bebé para a cidade do Lobito, onde os avós a esperavam para embarcarem rumo à ainda Metrópole.

Histórias como estas são contadas pela jornalista Marta Martins da Silva no livro *Retornados – E a vida nunca mais foi a mesma* (edição Contraponto). Nascida 10 anos depois do 25 de Abril e do consequente processo de descolonização, a autora não viveu na pele casos como estes, protagonizados em surdina por cerca de 600 mil portugueses que, de repente, se viram na urgência de deixar para trás a vida como a conheciam e de se reinventarem numa terra e numa sociedade que, em muitos casos, lhes era desconhecida. No entanto, acredita que conseguiu pôr-se "na pele das pessoas, imaginar o que foram aquelas situações limite, como abandonar tudo, porque, na verdade, alguém lhes estava a apontar uma arma à cabeça."

Este livro nasceu, como nos revela Marta, do cruzamento de dois fatores: o seu livro anterior *Madrinhas de Guerra* e as histórias que, ao longo dos anos, foi ouvindo aos avós maternos, que viviam em Moçambique: "Falavam sempre das coisas boas, dos cheiros, das cores, da liberdade. Eles tinham uma loja que tinha também um *atelier* de costura e o meu avô contava sempre como eram os maridos que levavam a medida do peito das senhoras, quando era preciso comprar *soutiens*."

Um *know how* que se revelaria precioso na hora de debandada: "Ele contava-me muito orgulhoso como tinha feito um compartimento secreto no cinto, para conseguir trazer para cá algum dinheiro."

Marta Martins da Silva, jornalista e autora do livro *Retornados – E a vida nunca mais foi a mesma*.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Uma sociedade muito fechada

Ciente de que quer manter-se na área da História Contemporânea de Portugal (âmbito em que está a concluir a dissertação de Mestrado), Marta avançou para este *Retornados*: "Fui buscar algumas histórias, não diretamente as dos meus avós, mas sim de alguns familiares e depois andei à procura de outras, nas redes sociais, o que funcionou muito bem, porque as pessoas começaram a fazer de algumas páginas um lugar de memórias e até de reencontros. E depois houve o passa palavra, alguém que conhecia alguém que também lá teria estado."

> Embora frise que não há histórias iguais, o que Marta mais encontrou foi "um sentimento de injustiça, que predomina". "Aquelas pessoas tiveram muitos dedos apontados na sua direção."

Embora frise que não há histórias iguais, o que Marta mais encontrou foi "um sentimento de injustiça, que predomina". "Aquelas pessoas tiveram muitos dedos apontados na sua direção."

Independentemente das questões políticas, "a receção que lhes foi feita pela sociedade portuguesa não foi boa". "De um modo geral, tinham hábitos diferentes, eram mais livres, as raparigas tinham outra liberdade com os rapazes, alguns tinham estudos e uma menor consciência da ditadura porque, nas antigas colónias, a PIDE estava mais dirigida para os movimentos independentistas do que para a vigilância da população. Isso chocou uma sociedade muito fechada. Por outro lado, quem cá estava começou a ter medo que estas pessoas lhes tirassem os empregos ou que trouxessem droga, como muitas vezes se dizia."

O estigma existia e muitos escondiam a sua condição na tentativa de o contornar: a própria mãe da autora, recém-chegada de Moçambique, aos 14 anos, preferia não almoçar a usar a senha de refeição que diariamente era dada aos estudantes vindos de África.

À medida que ia trabalhando no livro, Marta ia-se tornando a fiel depositária de histórias terríveis. Como a de Armando, a quem o IARN – Instituto ao Apoio de Retorno de Nacionais propõe que se aloje com os filhos na Prisão de Tires, porque era o único alojamento que tinha livre, ou mesmo daqueles que, sendo colocados em hotéis, percebiam que estes tudo faziam para que eles não se sentissem confortáveis.

"Apesar de tudo, as pessoas aderiram muito bem ao meu projeto e têm participado com entusiasmo na divulgação da obra. Mas uma delas, por exemplo, disse-me: Ai, Marta, tu mexeste tanto com as minhas caixinhas. Tudo isto é doloroso. Mesmo na minha família, só depois de publicado o livro, é que ouvi algumas coisas à minha mãe e aos meus tios."

Este silêncio de décadas justifica o desconhecimento das gerações seguintes em matéria de processo de descolonização: "Houve pessoas da minha idade que me disseram ignorar que isto tinha acontecido." O que leva Marta a constatar que "enquanto povo, temos dificuldade em lidar com o que correu menos bem, com o que achamos que não nos dignifica. E atiramos para debaixo do tapete, na esperança de que surja um manto de esquecimento."

Fascinada com estas e outras histórias, Marta Martins da Silva afirma que já não consegue parar: "Encontrei a minha missão, que é dar voz a pessoas como estas. Quem as viveu não são os grandes nomes que todos conhecemos, mas, sim, anónimos que, no entanto, também são protagonistas da História."

dnot@dn.pt

RETORNADOS – E A VIDA NUNCA MAIS FOI A MESMA
Marta Martins da Silva
Editora Contraponto
232 páginas

O Centro Histórico de Macau

O Largo do Senado é uma das zonas com a maior concentração de Arquitetura Portuguesa em Macau, sendo atualmente uma zona comercial movimentada e frequentada por muitos turistas.

O Centro Histórico de Macau é uma fusão das culturas oriental e ocidental de há mais de 400 anos. Esta zona, caracterizada pela coexistência das arquiteturas portuguesa e tradicional chinesa, foi classificada como Património Mundial pela UNESCO em 2005.

Desde meados do século XVI, Macau tornou-se um estabelecimento dos portugueses. Com o florescimento do comércio internacional, estabeleceram-se em Macau pessoas da Europa e do Sudeste Asiático com suas crenças religiosas, aptidões profissionais e costumes, incluindo os Missionários Católicos.

Para além de disseminarem a doutrina católica, os jesuítas introduziram avanços das ciências e das artes ocidentais, estabelecendo muitos "recordes" na China, como o primeiro teatro ao estilo ocidental, o primeiro ensino universitário, e o primeiro hospital, a primeira igreja e a primeira fortaleza, entre outros. Muitos desses edifícios foram preservados e continuam a servir as suas funções originais, e, juntamente com as construções chinesas, formam o Centro Histórico de Macau (que inclui, principalmente, o Templo de A-Má, a Igreja de São Lourenço, o Teatro Dom Pedro V, entre outros 22 edifícios e oito praças, como o Largo do Senado), que foi classificado como Património Mundial pela UNESCO em 2005.

As ruas e praças do Centro Histórico de Macau conectam os edifícios históricos importantes do porto ao centro da cidade, formando uma área com características típicas de uma cidade ocidental, mas também com arquitetura tradicional chinesa. Este cenário reflete a coexistência harmoniosa de diferentes grupos étnicos e a fusão das estéticas, culturas, crenças religiosas e arquitetónicas do Oriente e do Ocidente.

Assim como os pescadores das regiões de Fujian e Guangdong na China, os pescadores de Macau veneravam, desde tempos antigos, a Deusa do Mar, Mazu(os pescadores costumavam chamar-lhe A-Má).

Segundo a lenda, a Deusa A-Má auxiliava os marinheiros que enfrentavam condições meteorológicas extremas no mar, protegendo-os para que regressassem em segurança a casa. Por esta razão, os antepassados dos habitantes de Macau construíram um templo em homenagem da deusa que é o Templo de A-Má, perto do Porto de A-Má.

Construído em 1865, o Farol da Guia, uma parte da Fortaleza da Guia, é o farol mais antigo do litoral chinês.

Conta-se que o nome de "Macau" deriva do nome de A-Má. No século XVI, foi perto do Porto de A-Má que os portugueses chegaram pela primeira vez a Macau. Os portugueses perguntaram a residentes locais o nome do lugar. Pensando que os portugueses queriam saber o nome do porto, os residentes responderam-lhes *amagang*, que é o nome do porto de A-Má em dialeto cantonês. Os portugueses grafaram-no primeiro como *Amaquão*, posteriormente como *Amacao*, e finalmente Macau.

São Lourenço, o santo patrono dos navegantes no catolicismo, desempenhava um papel semelhante ao da deusa chinesa Á-Ma (Mazu). Os portugueses construíram em Macau a Igreja de São Lourenço a meio do século XVI, onde as famílias dos marinheiros portugueses se reuniam para esperar que estes conseguissem voltar sãos e salvos. Como a igreja tinha originalmente um mastro onde se afixavam sinais meteorológicos, os chineses chamavam-lhe Feng Shun Tong, que significa "Igreja dos Ventos Favoráveis", com o desejo de bons ventos e bom tempo.

O Farol da Guia, situado no topo do Monte da Guia em Macau, também faz parte do Centro Histórico de Macau. Construído em 1865, é o farol mais antigo da região costeira da China e continua a guiar as embarcações até hoje. Independente das culturas e crenças das pessoas que viviam em Macau, todas partilhavam um desejo simples e comum que é a esperança de os familiares poderem sair para o mar e regressar seguros sob a proteção divina e a orientação do farol.

O Largo do Lilau, visto ser o local onde estava a principal fonte de água de Macau, tornou-se um dos primeiros locais de assentamento dos portugueses na cidade. O nome em português deste lugar revela a sua história com a palavra "Lilau", que significa "fonte de montanha", enquanto o seu nome em chinês é "o poço da velha senhora", que tem a ver com um conto popular.

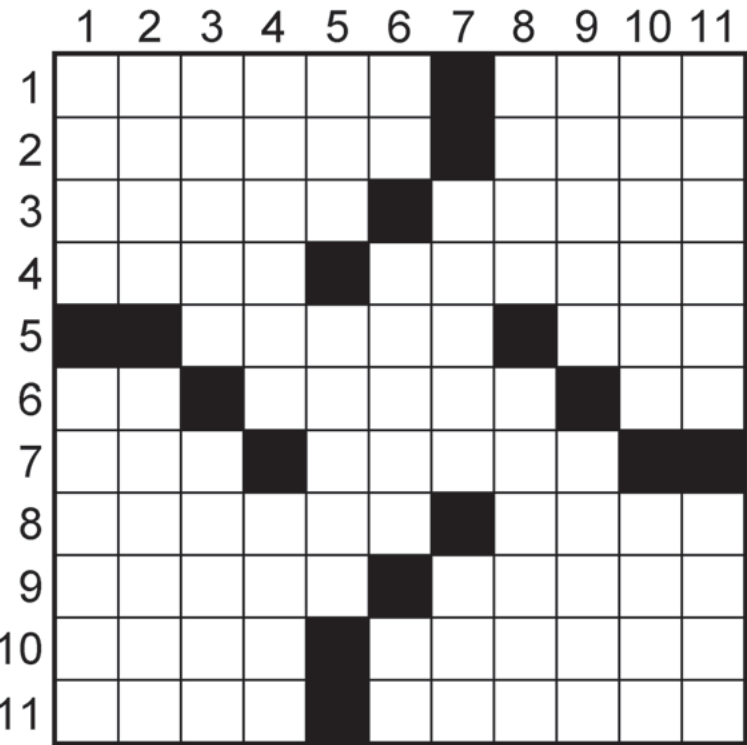
Durante a Dinastia Ming, para facilitar o acesso dos residentes daquele lugar à água potável, uma idosa construiu um poço para armazenar a água da fonte de montanha, daí o nome. Embora o poço original já não exista, o conto desta bondosa senhora continua a ser transmitido. Hoje em dia, o Largo do Lilau com a arquitetura antiga portuguesa em redor e duas árvores de figo-benjamim no meio é um espaço de lazer confortável tanto para os residentes como para turistas.

A Casa do Mandarim é um complexo residencial do famoso pensador chinês Zheng Guanying, da Dinastia Qing.

Não muito distante, situa-se a Casa do Mandarim, a antiga residência de Zheng Guanying, um famoso pensador moderno chinês. Fazendo também uma parte integrante do Centro Histórico de Macau, este edifício exemplifica a arquitetura de Lingnan (literalmente significa "ao sul das Cinco Colinas", que se refere principalmente ao território das províncias de Guangdong e Guangxi). Porém, uma observação mais cuidadosa revelará que os lintéis das portas e janelas exibem um estilo ocidental.

Como diz um antigo ditado popular macaense: "Aquele que bebe da água do Lilau, jamais esquecerá Macau." Quem passear no Centro Histórico de Macau, terá uma experiência imersiva para conhecer a fusão cultural sino-portuguesa, e quem poderá esquecer esta cidade que exala um encanto tão singular?

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Pequena face ou superfície lisa de alguma coisa. Adorar. **2.** Forte sacudidela (popular). Pessoa que come. **3.** Tão numeroso. Solicitam. **4.** Discursar. Poesia narrativa que reproduz narrações ou lendas. **5.** Limpar, banhando em líquido. Díodo emissor de luz. **6.** Prefixo (afastamento). Relativo aos rins. Rádio (símbolo químico). **7.** Preposição que indica companhia. Sacar. **8.** Inundar. Tronco de videira. **9.** Flutuar. Estado de nu. **10.** Grupo circular de ilhas de coral. Criança do sexo feminino. **11.** Pouco frequente. Meter em mala.

Verticais: **1.** Roupa exterior do homem. Terminar. **2.** Guarnecer com abas. Fruto do carvalho, sobreiro, azinheira, que é um aquénio provido de cúpula. **3.** Estreito que liga dois mares. Emancipado. **4.** Ir para dentro. Infelicidade (pop.). **5.** Tanto (em próclise). Impedir. **6.** Angola (Internet). Excluir. A mim. **7.** Não continuar. Também não. **8.** É um dos símbolos bíblicos da inocência. Falta. **9.** Relativo a modalidade. Curral. **10.** Ter acesso a (Informática). Castigo. **11.** Latada. Desdita.

SUDOKU

1		2	6	4		8		5
	5	7				3		6
			5	1				
			4				6	
2	4	8			6		5	
		6	2			7		
	6			7				
		3		6	4			
	7		1				3	

SOLUÇÕES

1	3	2	6	4	7	8	9	5
4	5	7	9	2	8	3	1	6
6	8	9	5	1	3	4	2	7
7	9	5	4	3	1	2	6	8
2	4	8	7	9	6	1	5	3
3	1	6	2	8	5	7	4	9
9	6	1	3	7	2	5	8	4
5	2	3	8	6	4	9	7	1
8	7	4	1	5	9	6	3	2

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Faceta. Amar. 2. Abanão. Boca. 3. Tanto. Pedem. 4. Orar. Balada. 5. Lavar. Led. 6. Ab. Renal. Ra. 7. Com. Tirar. 8. Alagar. Cepa. 9. Boiar. Nudez. 10. Atol. Menina. 11. Raro. Emalar.

Verticais:
1. Fato. Acabar. 2. Abar. Bolota. 3. Canal. Maior. 4. Entrar. Galo. 5. Tão. Vetar. 6. Ao. Banir. Me. 7. Parar. Nem. 8. Abel. Lacuna. 9. Modal. Redil. 10. Aceder. Pena. 11. Ramada. Azar.

Bebidas sem álcool em alta

FESTIVAL São cada vez mais as marcas que apostam em bebidas sem álcool, o que justifica o facto de o *Lisboa Bar Show* dar mais atenção a este segmento. O Peru será o país convidado deste evento.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Lisboa será a capital mundial do *bartending*, a 14 e 15 de maio, com o *Lisbon Bar Show*, iniciativa que já vai na 9.ª edição e que conta este ano, pela primeira vez, com um bar de bebidas não-alcoólicas. "Há muitas marcas de bebidas que estão a apresentar destilados sem álcool", justifica Alberto Pires, fundador do evento.

Apesar de o conceito "fazer confusão a muitas pessoas que não são do meio", estas bebidas "contêm todos os sabores e aromas da bebida original, só que foi extraído o álcool" e, por isso, "podem beber-se à vontade", explicou à Lusa Alberto Pires, que conta repetir o número de visitantes registado no ano passado, que rondou os sete mil.

O Peru será o país convidado, para promover as tendências na área de *bartending* e *cocktails*. Assim, nos dois dias do evento serão servidas bebidas peruanas e vão estar presentes *chefs* de cozinha que vão partilhar produtos típicos da cozinha peruana.

"Na embaixada, fazemos muitas atividades em Portugal e, dentro da cultura, é importante que o nosso produto esteja presente em eventos como este. Iremos aproveitar o facto de estarmos presentes no *Lisbon Bar Show* para dar a conhecer as bebidas peruanas, nomeadamente, o nosso *whiskey* roxo (Don Michael)", disse o embaixador do Peru em Portugal, Carlos Gil de Montes, na apresentação do evento, que decorreu há uns dias. "As pessoas quase só conhecem o *pisco sour*, mas há mais bebidas e destilados" naquele país, salientou Alberto Pires.

O encontro é, segundo a organização, "o maior evento de hospitalidade, restauração e hotelaria em Portugal" e promove as tendências e novidades na área de *bartending* e *cocktails*. "Não é uma feira de álcool e *barmen*, é um evento muito relacionado com turismo, restauração, hotelaria – numa palavra, *hospitalidade*", referiu o fundador.

Durante dois dias, o evento conta com cerca de 140 expositores e várias atividades, como a *Vintage Cocktail Competition* (competição de *cocktails* onde as bebidas clássicas têm um estilo *vintage*), o *Fórum Mojito* (espaço onde os profissionais podem assistir a apresentações e trocar ideias sobre os melhores especialistas da indústria), o *Brands Room* (sala de apresentações onde as marcas representadas na feira têm a oportunidade de realizar demonstrações), *masterclasses* e *workshops*.

Mais de 30 oradores, entre eles "alguns dos melhores do mundo da indústria de bar", vêm "dos quatro cantos do mundo" – da Colômbia à Coreia do Sul – para apresentações inéditas. Entre outros, a organização destaca Aaron Diaz, Anxo Vila, David Blom, Demie Kim, Tom Dyer ou Mónica Berg, nomeada a Pessoa Mais Influente no *Bar World 100* pela Drinks International, e, de Portugal, Emanuel Minêz, Ana Camacho (eleita Melhor *Barmaid* o ano passado), o *chef* Kiko, Duarte Coelho, Fernão Gonçalves, Gonçalo Almeida, Paulo Ramos, Pedro Simões, Paulo Gomes, Sergio Padilla e Rodolfo Tristão.

Ponto alto do evento são os *Prémios Lisbon Bar Show*, que distinguem anualmente os Melhores *Barmen* e *Bairmaids*. No ano passado, foram distinguidos, entre outros, o 100 Maneiras Bistro (Melhor Bar de Restaurante), o Rossio Gastrobar (Melhor Bar de Hotel), Red Frog (Melhor Bar e Melhor Carta de bar), Ana Camacho (Melhor *Barmaid*) e João Sancheira (Melhor *Bartender*).

A iniciativa é dedicada aos profissionais do setor, mas está aberta ao público em geral. Os bilhetes custam 29 euros, em pré-venda até 10 de maio, e 39 euros nos dias do evento.

Durante dois dias, o evento conta com cerca de 140 expositores e várias atividades.

FOTOS D.R.

A água como elemento inspirador para a criação de *cocktails*

O *World Class Portugal 2024* está em curso, uma vez mais na procura do Melhor *Bartender* português, para representar Portugal na final da competição, em Xangai, no mês de setembro. As inscrições terminam no sábado.

Já na 9.ª edição, mais do que uma competição, esta iniciativa fomenta a aprendizagem, impulsiona o desenvolvimento de novas competências, e desafia a criatividade de todos os profissionais da coquetelaria e destilados *premium*.

Depois dos temas Terra, e Fogo, este ano é o elemento Água que está em destaque.

Terminados os *Studios*, eventos em que os *bartenders* puderam inspira-se nas apresentações dos *chefs*, produtores e outros convidados ligados à indústria, seguem-se os chamados *Challenges*, um com tequila Don Julio, e outro com o *whiskey* Johnnie Walker Black Label, para que a partir deles os participantes desenvolvam a receita com que os 12 melhores irão disputar a competição *World Class Portugal*.

Neste evento da Diageo serão escolhidos seis *bartenders* e as suas receitas, e começa então a contagem decrescente para a grande final, em junho, para eleger o sucessor de Bernardo Rodrigues, o qual irá à competição internacional, na China.

MAYUKA – TIAGO MAYA / WORLS CLASS STUDIOS 2024

Bernardo Rodrigues foi o vencedor da edição do ano passado.

PUBLICIDADE

emprego

UNIVERSIDADE D COIMBRA

Processo: IT146-24-13886

EXTRATO

Nos termos do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, na sua redação atual, torna-se público que, por Despacho Reitoral datado de 20 de março de 2024, encontra-se aberto, pelo prazo de dez dias úteis a contar da data da publicação do presente Aviso na Bolsa de Emprego Público, procedimento concursal para seleção e provimento do cargo de Coordenador da Divisão de Sistemas e Informação do Serviço de Gestão de Sistemas e Infraestruturas de Informação e Comunicação da Universidade de Coimbra, cargo de direção intermédia de 4.º grau.

Mais se informa que o aviso integral da abertura do procedimento foi publicado em *Diário da República*, II série, n.º 76, Aviso n.º 8119/2024, de 17 de abril, e na BEP, encontrando-se, igualmente, disponível para consulta na página web da Universidade de Coimbra, acessível em https://www.uc.pt/emprego.

Coimbra, 17 de abril de 2024

A Diretora do Serviço de Gestão de Recursos Humanos
Maria Helena da Silva Matos

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA AMADORA

EDITAL

Número: **04/2024**

António Ramos Preto, Presidente da Assembleia Municipal da Amadora, nos termos do n.º 1 do Art.º 56.º da Lei 75/2013, de 12 de setembro, faz público o teor das deliberações tomadas pela Assembleia Municipal da Amadora, na sua 1.ª Sessão Extraordinária de 2024, realizada em 2 de abril:

1 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa ao *"Mapa de Pessoal 2024 – 1.º Alteração (Proposta n.º 105/2024)"*.

2 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa ao *"Contrato-Programa a Celebrar com a Amadora Inovation, E.M. Unipessoal, Lda. (Proposta n.º 69/2024)"*.

3 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa ao *"Procedimento de Recrutamento Provimento do Cargo de Direção Intermédia de 2.º Grau, Divisão de Aprovisionamento (DA) – Composição do Júri (Proposta n.º 62/2024)"*.

4 – **Aprovada por maioria** a proposta da C.M.A. relativa ao *"Procedimento de Recrutamento para Provimento do Cargo de Direção Intermédia de 2.º Grau, Gabinete de Apoio Jurídico (GAJ) – Composição do Júri (Proposta n.º 99/2024)"*.

5 – **Aprovado por maioria** o Voto de Saudação apresentado pelo Grupo Municipal do BE e relativo ao *"Dia Internacional das Mulheres – 8 de Março"* (Voto de Saudação n.º 01/AMA/2024).

Amadora, 3 de abril de 2024

O Presidente
António Ramos Preto

EXTRATO DA ATA N.º 90

No dia dezasseis do mês de abril do ano dois mil e vinte e quatro, pelas dezassete horas e trinta minutos, na Rua de Bragança, número um, edifício Sociocultural, Casal de Cambra, Sintra, reuniu-se a assembleia de comproprietários do prédio integrado na Área Urbana de Génese Ilegal denominada "AUGI 57 – Casal de Cambra", em Casal de Cambra, freguesia de Casal de Cambra, concelho de Sintra, descrito na conservatória de registo predial de Queluz sob a descrição setecentos e noventa e cinco / Casal de Cambra e inscrito na matriz predial rústica sob parte do artigo 24 secção A-A1-A2 da mesma freguesia, sito entre a Avenida de Espanha, Avenida de Santa Marta, Avenida de Sintra e Rua de Málaga, na freguesia de Casal de Cambra, concelho de Sintra, com a presença de dez proprietários a que corresponde a 87% (oitenta e sete porcento) da permilagem total do prédio, conforme listas de presenças em anexo a esta ata, contando com a presença do Dr. Rui Santos, na qualidade de Procurador da Comissão Administração Conjunta, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

– **PONTO UM:** Apresentação, discussão e votação do "Projeto de Divisão por Acordo de Uso".
– **PONTO DOIS:** Retificação ao orçamento aprovado em 14 de outubro de 2020 para execução de obras de urbanização e mapa de valores de comparticipação nas mesmas.
– **PONTO TRÊS:** Apreciação e votação das contas finais relativas ao processo de loteamento LT 158/2000.
– **PONTO QUATRO:** Apresentação de lista de devedores e deliberação sobre a sua cobrança coerciva.

Deu-se início ao ponto um da ordem de trabalhos, tomando a palavra o Procurador da Comissão de Administração Conjunta o qual, detalhadamente, explicou o projeto de divisão por acordo de uso relativo ao prédio descrito na conservatória de registo predial de Queluz sob o número setecentos e noventa e cinco da freguesia de Casal de Cambra, para o qual foi emitido o Alvará de Loteamento três barra dois mil e vinte e três de quatro de agosto.
Seguiu-se um período de discussão e apreciação do projeto de divisão. Findo o período de discussão e apreciação foi o projeto de divisão por acordo de uso posto à votação, tendo sido **aprovado por unanimidade**.
De seguida, o Solicitador Rui Santos informou a assembleia de que seria necessário deliberar o representante da Comissão de Administração Conjunta na outorga da escritura de divisão. No entanto, e como a procuração conferida a favor do **Dr. Rui Santos** prevê os poderes bastantes para representar a Comissão de Administração, propôs-se que fosse este a outorgar a escritura pública de divisão. Posta à votação, foi a mesma **aprovada por unanimidade**.
Nada mais havendo a tratar no ponto um, deu-se início ao ponto dois. Foi distribuído aos presentes o novo orçamento da empresa "Diverinstal Lda.", a qual apresenta uma proposta de Orçamento de **€10.753,54 + IVA** (dez mil setecentos e cinquenta e três euros e cinquenta e quatro cêntimos), sendo este valor aplicável apenas aos lotes 4, 12 e 13, visto que apenas estes lotes serão objeto de intervenção em sede de obras de urbanização. Aberto o período de discussão, vários proprietários pediram a palavra e colocaram questões, as quais foram respondidas. Finda a discussão, foi a proposta de retificação do orçamento posta à votação, sendo **aprovada por unanimidade**, devendo estes pagamentos estar efetuados **até ao dia vinte e um de junho de dois mil e vinte e quatro**.
Findo o ponto dois da ordem de trabalhos, deu-se início ao ponto três, tomando novamente a palavra o Procurador da Comissão que distribuiu aos presentes a tabela de prestação de contas finais com fecho na presente data. Aberto o período de discussão, alguns proprietários levantaram questões, as quais foram respondidas pelo Procurador da Comissão de Administração Conjunta. Findo o período de discussão, a tabela de prestação de contas finais do loteamento foi posta à votação e **aprovada por unanimidade**.
Foi ainda proposto e **aprovado por unanimidade** que os valores a pagar a título de despesas de reconversão urbanística, obras de urbanização consignadas no alvará de loteamento 03/2023 emitido em quatro de agosto de dois mil e vinte e três pela Câmara Municipal de Sintra e quotas à Administração Conjunta da AUGI, os quais devem ser pagos pelos proprietários até ao dia **vinte e um de junho de dois mil e vinte e quatro**.
Encerrado o ponto três da ordem de trabalhos, deu-se início ao ponto quatro, tomando a palavra o Procurador da Comissão de Administração Conjunta, aludindo à tabela de prestação de contas anteriormente entregue, a qual reflete a lista de proprietários que devem cumprir o pagamento dos valores a título de despesas de reconversão urbanística, obras de urbanização consignadas no alvará de loteamento 03/2023 emitido em quatro de agosto de dois mil e três pela Câmara Municipal de Sintra e quotas à Administração Conjunta da AUGI, conforme relação que consta das tabelas apensas à presente ata e que dela fazem parte integrante até ao dia **vinte e um de junho de dois mil e vinte e quatro**. Aberto o período de discussão, não houve intervenções a registar.
Findo o período de discussão, o Procurador da Comissão de Administração Conjunta apresentou a seguinte proposta: **Caso venha a ser necessário efetuar a cobrança coerciva dos valores em dívida, conforme acima mencionados, para tanto confere-se os necessários poderes ao Dr. Paulo Craveiro – Advogado – para que este desenvolva as diligências necessárias e proceda à cobrança coerciva desses mesmos valores em dívida, por via judicial, nomeadamente pagamento das quotizações à Administração Conjunta, despesas do processo de loteamento e encargos com obras de urbanização, acrescido dos respetivos juros de mora, custas processuais, honorários de advogado e honorários de agente de execução**. Posta à votação, a presente proposta foi aprovada por **unanimidade**.
Nada mais havendo a tratar, a reunião encerrou pelas dezanove horas e cinquenta minutos do mesmo dia, tendo sido lavrada a ata que depois de lida vai ser assinada pelo Procurador da Comissão de Administração Conjunta, ficando apensa à mesma a folha de presenças assinada por todos. Feita a leitura e posta à votação, a ata foi aprovada por **unanimidade.**

A Comissão de Administração Conjunta

CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

AVISO

Licenciamento de Loteamento n.º 957/23, referente à propriedade sita na Avenida Sacadura Cabral, lote 45, Aroeira, União das Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda, apresentada por Etapa Destemida, Lda.

Nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 1 do art.º 22.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, e das alíneas do a) e b) do n.º 1 do artigo 6.º do Regulamento Urbanístico do Município de Almada – RUMA, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 93, de 14 de maio de 2008, **AVISA-SE E TORNA-SE PÚBLICO, através do EDITAL n.º 15**, afixado em 1 de abril de 2024, que foi aberto o período de consulta pública pelo prazo de 10 (dez) dias úteis, a contar que sejam decorridos 8 (oito) dias úteis sobre a data de afixação do edital, relativa ao pedido de Licença de Loteamento n.º 957/23, respeitante à propriedade sita na Avenida Sacadura Cabral, lote 45, Aroeira, União das Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda, apresentado por Etapa Destemida, Lda., que tem por objeto:
– Constituição de 4 lotes destinados à ocupação de 8 moradias bifamiliares, com 2 pisos e cave, originando 8 fogos e 16 lugares de estacionamento no interior do lote.
De acordo com a Planta de Cedências, encontra-se ainda contemplada a cedência de uma parcela de terreno, denominada de A, para domínio privado municipal de 500 m^2 destinado a Espaço Verde de Utilização Coletiva e para o domínio publico municipal de 1749.85 m^2 para Rede Viária (arruamentos, passeios e bolsas de estacionamento).
Mais se informa de que o pedido foi analisado pelos serviços municipais, verificando-se que o mesmo cumpre os parâmetros urbanísticos definidos para o local.
Não se verificam inconvenientes na pretensão apresentada, considerando-se enquadrada no disposto nos n.º 1 do art.º 22.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, e das alíneas do a) e b) do n.º 1 do artigo 6.º do Regulamento Urbanístico do Município de Almada – RUMA, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 93, de 14 de maio de 2008.
Os interessados poder-se-ão pronunciar por escrito no prazo supraidentificado mediante requerimento dirigido à Ex.ma Sr.ª Presidente da Câmara Municipal de Almada.
Informa-se que o processo administrativo poderá ser objeto de consulta no Departamento de Administração Urbanística, sito na Av. D. Nuno Álvares Pereira n.º 67, 2800-181 Almada. Para o efeito deverá previamente solicitar a respetiva consulta através do formulário "consulta de processo", disponível no Balcão Virtual do *site* da Câmara Municipal de Almada.

Almada, 5 de abril de 2024

O Vereador das Infraestruturas e Obras Municipais, Administração Urbanística, Economia e Desenvolvimento Local

José Pedro Ribeiro

EXTRATO

No dia 6 de abril de 2024, pelas 9 horas, na Avenida Manuel da Fonseca, 71-A, Qta. da Fidalga, Seixal, realizou-se a assembleia geral de comproprietários da AUGI C25, Pinhal do Verdizela, Amora, devidamente convocada nos termos e para os efeitos do artigo 8.º e sgs. da Lei 91/95, de 2 de setembro, com a redação atualizada, para discussão e votação dos pontos da ordem de trabalhos constantes da referida convocatória.

Após terem aguardado a meia hora legal, os comproprietários presentes, que representavam 5.416,69 avos indivisos do referido prédio, prestadas as informações do processo, deliberaram o seguinte:

– Foram prestadas informações gerais sobre as iniciativas desenvolvidas pela comissão de administração;
– Informação e apresentação do enquadramento das cedências da AUGI C25 e das propostas apresentadas à Câmara Municipal do Seixal foram aprovadas por unanimidade;
– Foi aprovada por unanimidade a avaliação e decisão quanto a área de construção a atribuir a cada lote;
– Foi apresentado e aprovado por maioria o mapa de comparticipações atualizado, discussão e deliberação sobre a cobrança de juros de mora para pagamentos em atraso após 30 de abril de 2024 e de outras medidas, nomeadamente a cobrança coerciva das comparticipações.
– Foram prestados todos os esclarecimentos solicitados pelos presentes.

Estiveram presentes comproprietários representantes de 5.416,69 avos indivisos do total da área. Nada havendo mais a discutir ou a deliberar, pelas 11.09 horas foi a assembleia dada por encerrada.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época. Visado pela censura.

No DN

GISCARD D'ESTAING
À FRENTE DE CHABAN-DELMAS
NO PRIMEIRO ESCRUTÍNIO
—RESULTADO PREVISTO DEPOIS DE DUAS SONDAGENS À OPINIÃO PÚBLICA

E ADIAMENTO DA SOLUÇÃO
PARA A CRISE POLÍTICA

NA SESSÃO ESPECIAL DAS NAÇÕES UNIDAS
O KOWEIT PROCUROU JUSTIFICAR
OS ALTOS PREÇOS DO PETRÓLEO
E CONSIDEROU OS PAÍSES INDUSTRIALIZADOS
OS RESPONSÁVEIS PELA INFLAÇÃO

PROTESTO INDIGNADO
EM JERUSALÉM
CONTRA A CHACINA
DE KYRIAT SHEMONA

RESULTADO DA VISITA DE ASSAD
AVIÕES DE COMBATE
DA U.R.S.S. PARA A SÍRIA

PARA A CONSTRUÇÃO DA REFINARIA DE SINES
A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
EMPRESTOU À PETROSUL
CERCA DE UM MILHÃO DE CONTOS

MANIFESTAÇÃO
NO CANADÁ

FINANCIAMENTO A Caixa Geral de Depósitos, na altura banco completamente público, financiava a construção da Refinaria de Sines em cerca de um milhão de contos. Giscard D'Estaing levava vantagem sobre Chaban Delmas em duas sondagens para as presidenciais.

Caixa financiava Refinaria de Sines

TEXTO **ISABEL LARANJO**

O projeto para a construção da Refinaria de Sines tinha sido aprovado há cerca de um mês e precisava de ser financiado. Foi a Caixa Geral de Depósitos a fazer o empréstimo para o avanço das obras. *Para a construção da Refinaria de Sines: a Caixa Geral de Depósitos emprestou à Petrosul cerca de um milhão de contos*, titulava o DN, na primeira página.

Encimava a notícia uma fotografia de Motta da Veiga, em representação do banco, a assinar a escritura para o empréstimo. "A refinaria – uma das maiores do mundo construída de raiz – terá uma capacidade inicial de refinação de 10 milhões de toneladas métricas por ano, tendo sido especialmente considerado o tratamento de ramas nacionais", podia ler-se. "No final do ato, o dr. Gonçalves Pereira proferiu uma breve alocução tendo salientado a importância do financiamento concedido que assegura à indústria nacional uma parte considerável de fornecimento de bens e serviços para a montagem da refinaria (...)."

De França vinham notícias de maior agitação na campanha eleitoral para as presidenciais. *As eleições em França: começou a corrida aos votos do eleitorado*, lia-se, em título. No pós-título: "A última semana foi agitadíssima – multiplicaram-se as candidaturas e as manobras de bastidores."

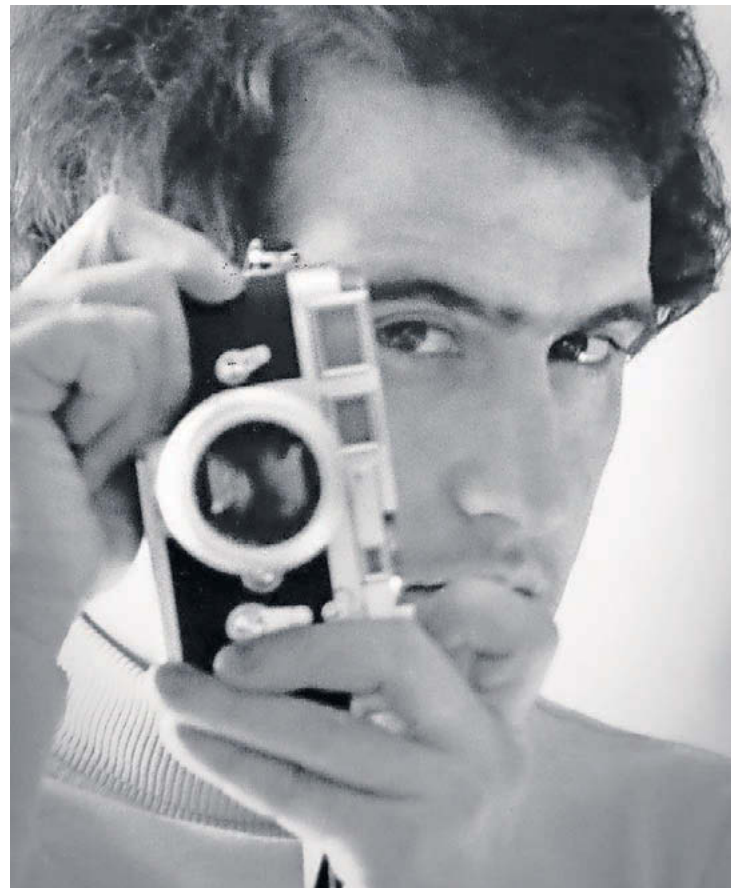
Nesta altura, era conhecido o resultado de duas sondagens naquele país. Giscard d'Estaing perfilava-se à frente do adversário Chaban Delmas.

No Médio Oriente os conflitos mantinham-se, sem fim à vista. *A situação em Israel: reorganização militar e adiamento da solução para a crise política*, lia-se, em título, na primeira página do DN de há 50 anos. "(...) Os sírios que têm flagelado com tiros de artilharia e de morteiros aquela posição tão cobiçada [Monte Hermon], desencadearam uma barragem quando o ministro israelita da Defesa se encontrava no local. Dayan não foi atingido, mas dois soldados que se encontravam a seu lado ficaram feridos." Ao mesmo tempo, em Jerusalém, 200 manifestantes protestavam contra a chacina que tinha ocorrido em Kyriat Shemona.

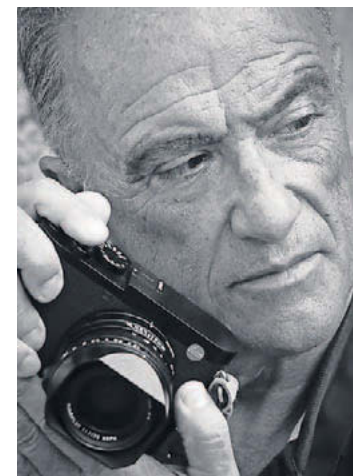
Era ainda notícia uma manifestação, ocorrida no Canadá, contra "o auxílio aos chamados movimento de libertação africanos".

Um acidente na autoestrada Lisboa-Cascais fez quatro feridos graves.

Onde eu estava

Alfredo Cunha O repórter fotográfico nasceu em 1953. É de Celorico da Beira.

Abril era, com alguma frequência, o mês em que inaugurava a época balnear. Jovem de 20 anos, não precisava de grande calor para rumar manhã cedo, ao volante do meu Mini preto, até à Costa da Caparica, sozinho ou com a namorada da altura. As dunas daquelas praias eram o meu refúgio e, como o outro, nelas roí muitas maçãs. Que melhor poderia fazer na Lisboa daquela época um miúdo com bom ordenado e alguma pinta, senão tentar namorar longe dos olhares censores que obrigavam a uma distância de segurança entre rapazes e raparigas. As discotecas Cova da Onça e Hipopótamo, e uma ou outra festa particular onde se dançasse agarradinho – o *Hey Jude*, dos Beatles, demorava quase 14 minutos, por isso saíamos de lá quase casados – proporcionavam algumas exceções, mas nada que se comparasse a uma manhã na Caparica

O bom ordenado vinha da revista *Século Ilustrado* e do jornal *O Século*, onde era um dos repórteres fotográficos mais jovens.

A fotografia está enraizada na minha família há décadas e décadas. Filho e neto de fotógrafos, rapidamente percebi que a minha paixão eram os jornais.

Tinha um horário noturno. Entrava às 5.00 da tarde e fazia os fechos. As reportagens eram, por isso, maioritariamente à noite: muitos espetáculos – musicais, teatrais, ópera, concertos –, muitas entrevistas com os artistas da época, com quem me dava muito bem, rusgas da polícia – sobretudo os desacatos com marinheiros no Cais do Sodré –, muitas touradas, muito futebol, com destaque para o meu Benfica. E coisas bizarras. Por exemplo, uma reportagem com um *morto* que acordou na morgue.

As fotos eram tão censuradas quanto os textos. Lembro-me de um trabalho assinado pela jornalista Maria Antónia Palla e por mim sobre a degradação das escolas primárias do Bairro Alto. Uma outra sobre os hospitais civis de Lisboa, nomeadamente o Curry Cabral, onde se amontoavam no mesmo espaço, miúdos à espera de tratamento e cadáveres deitados em macas. Ambas as reportagens sofreram cortes enormes da censura.

Chegava a casa a altas horas, algumas vezes, sobretudo no inverno, depois de passar pelo Snob, um bar de jornalistas.

No dia 24 de abril de 1974, talvez a pensar na praia, fui diretamente do jornal para casa (vivia com os meus pais, na Amadora). Estranhei ver a minha mãe acordada. Que havia uma movimentação militar em Lisboa, disse-me. Saí de imediato, armado com as duas Nikon S e a Leica M3. Apanhei o comboio das x. Na redação encontrei o Mário Zambujal, o Carreira Bom, o Urbano Tavares Rodrigues. Ficou decidido que iria em reportagem de rua com o Mário Contumélias (que pouco depois perderia de vista).

Vi as movimentações sem fazer ideia do que seria aquilo. Nunca me senti em perigo de vida, mas tive a certeza de que aquilo corria bem só depois de Marcello Caetano ter sido preso no Quartel do Carmo. Percebia-se nos soldados muita juventude e ansiedade. Mas os oficiais eram muito expeditos. Percebia-se que sabiam muito bem o que estavam a fazer.

Ficaria amigo de Salgueiro Maia. Desse dia, não tenho uma única fotografia em que esteja com ele. Mas há uma que adoro: ao mesmo tempo que um polícia lhe faz continência, ele olha na direção da minha câmara com um ar zangado. Está a perguntar-me por que razão estou escondido atrás de um poste da EDP a fotografá-lo. Avisa-me, com voz de poucos amigos, de que se não quero correr riscos tenho de estar visível. Por último, que se tratava de um pronunciamento militar e que se eu fosse a favor do regime estava do lado errado. Respondi-lhe que estava do lado certo.

Daquele dia, há uma única foto em que apareço. Foi tirada pelo Rui Ochoa na sede da PIDE, quando foi tomada pela Marinha. Com ou sem registo, foi o dia mais feliz da minha vida. Inesquecível.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles

Ano 60 — N.º 20:922

PREÇO 30 CENTAVOS (300 réis)

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES

Diario de Noticias

Fundadores: EDUARDO COELHO e CONDE DE S. MARÇAL

Sexta-feira, 18 de Abril de 1924

MIL CONTOS
Premio Grande da Lotaria de 18 de Junho de 1924 da MISERICORDIA DE LISBOA

AS ELEIÇÕES em Italia

Segundo parece, todos os partidos ficaram satisfeitos com os resultados

Mussolini vai tirar partido da sua vitória

DA LISBOA DOS DESMORONAMENTOS...

Já ha ano e meio que a Associação dos Arquitectos avisou quem de direito das desgraças que estamos sofrendo

Até agora a resposta foi: *Ouvidos de mercador*

O CRIME DO "RAPIDO" DE ANDALUZIA

Ainda não foram descobertos os assassinos

As mais importantes circunstancias do bárbaro e sensacional atentado continuam envoltas em misterio

UMA QUESTÃO FINANCEIRA

Critica das tres Cartas-abertas do sr. Eduardo John á Associação Comercial de Lisboa

Estabilização cambial—Abono de juros aos depositos á vista no Banco de Portugal—Elevação do capital social do Banco de Portugal

"RAID" LISBOA-MACAU

SANTOS DUMONT

UMA SOLUÇÃO

CAMILO

A FRANÇA RECONHECE A REPUBLICA GREGA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

SEMANA SANTA

As solenidades de Quinta Feira Maior levaram aos templos de Lisboa uma imensa concorrencia de devotos

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 18 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

SEMANA SANTA

As solenidades de Quinta Feira Maior

levaram aos templos de Lisboa uma imensa concorrencia de devotos

pleto, tantas eram as folhas de varias tonalidades de verde e as flores que o cobria, destacando-se ao centro estendendo os seus quatro braços desde o cofre ao subpedaneo do altar e a toda a largura deste, uma cruz de Malta, formada de rosas magnificas, naturais, aureolada de pequenas lampadas electricas.

Por entre o maciço florido emergiam aqui e além grupos de luzes e do alto do trono, incidia um fóco de luz sobre o cofre.

Ainda nos Martires, Conceição Nova e Santa Isabel, havia tronos resplandecentes de luz e profusamente ornados de flores e plantas decorativas.

As cerimonias na Sé

Na Sé Patriarcal as cerimonias realizaram-se com o maior esplendor, começando ás 9,30 da manhã depois de Sua Eminencia o sr. Cardial Patriarca, ter tomado lugar no sollo, com a assistencia dos srs. conegos dr. Manuel Anaquim, dr. João Henriques Sequeira Móra a Aires Pacheco.

Depois de presidir a «Tertia», o sr. Patriarca revestiu-se dos paramentos pontificais, sendo iniciada a missa solene, dentro da qual o referido prelado fez a benção dos Santos Oleos, tendo como diaconos os srs. conegos José Augusto dos Santos e José Maria Felix.

A afluencia ás igrejas — EM CIMA: Na Conceição Nova. EM BAIXO: Nos Martires

(Foto «Noticias»)

O dia de ontem—Quinta-feira Maior—deu á cidade o aspecto profundamente religioso dos demais anos, vendo-se nas ruas imensa gente rigorosamente de preto e sendo as igrejas frequentadas por uma enorme multidão de crentes.

Algumas apresentavam um aspecto lindissimo nas suas decorações, salientando-se S. Domingos, Estrela, Mercês, Corpo Santo, S. Luis e Madalena onde a profusão de luzes e de flores davam aos templos comovedores aspectos de mistica religiosidade.

No Corpo Santo o trono desaparecia por com-

Na cerimonia da benção dos Oleos tomaram parte cêrca de quarenta eclesiasticos, todos revestidos de casulas, dalmaticas e pluviais brancos, em damasco de seda, apresentando-se os membros do cabido de lhama bordada a ouro ostentando o sr. patriarca uma rica casul-

O CRIME DO "RAPIDO" DE ANDALUZIA

Ainda não foram descobertos os assassinos

As mais importantes circunstancias do bárbaro e sensacional atentado continuam envoltas em misterio

Interior da carruagem-correio do rapido da Andaluzia, no estado em que foi encontrado ao descobrir-se o crime

MADRID, 15.—E' dificil dar uma ideia da impressão que produziu em Madrid e em toda a Espanha o horrendo crime praticado, durante a viagem do «expresso» de Andaluzia, na noite de sexta-feira para sabado, dentro do vagão do correio. E' este um acontecimento tão extraordinario, pelas condições em que ocorreu e pelas circunstancias que o rodeiam, que não pode deixar de causar a maior emoção onde quer que seja conhecido.

O celebre crime do correio de Lyon, que, como é sabido, inspirou aos romancistas e dramaturgos algumas obras que tiveram grande popularidade—senão pelo valor literario, pela intensidade dramatica dos proprios acontecimentos trasladados ao livro e ao palco—o crime do correio de Lyon, dizia, acode instintivamente á memoria dos que estremecem agora de horror, de indignação perante a audacia, a ferocidade, a crueza dos execraveis autores da tremenda façanha!

Os leitores do «Diario de Noticias» conheceram a existencia do crime do «expresso» de Andaluzia pela concisa nota do Directorio—unica noticia do sucesso que se permitiu aos correspondentes, tanto nacionais como estrangeiros, comunicar aos seus jornais. Os periodicos de Madrid tambem não puderam publicar outra coisa, e um diario vespertino que intentou dar uma informação desenvolvida a este respeito saiu com uma pagina inteira em branco: a pagina que dedicava á sensacional informação.

O Directorio entendeu que os pormenores do caso, publicados pela imprensa, poderiam aproveitar mais á defesa dos criminosos que á acção da policia.

Autorizada a circulação dos pormenores da espantosa tragedia—com as reservas que naturalmente impõe a censura como medida de prudencia—já os nossos leitores tiveram uma ampla informação telegrafica, que lhes permitiu conhecer o crime em toda a sua extensão e até em pormenores minuciosos. Pouco é, pois, o que tenho a acrescentar no aspecto puramente noticioso dêste acontecimento.

No momento em que traço estas linhas, 11 da manhã de terça-feira, 15, continua o crime envolto no mais absoluto misterio—ao menos para os «reporters» e para o publico—pelo que respeita aos autores do crime e ao ponto do trajecto em que este foi praticado. E' evidente que a policia persegue diferentes pistas e está na posse de dados importantes que possam conduzi-la a um rapido descobrimento da verdade. Quem sabe, mesmo, se a esta hora estarão já detidos alguns ou todos os autores do abominavel crime! Mas a policia, sempre reservada por sistema enquanto realiza as suas diligencias, mais impenetravel é agora... que as coisas não estão para confidencias nem indiscrições.

A autopsia aos cadaveres dos desventurados Angel Ors e Santos Lozano, o exame praticado no interior e no exterior do vagão-correio, os vestigios digitais que o serviço antropometrico recolheu e os depoimentos de diferentes pessoas, particularmente de empregados de caminhos de ferro e de correios, hão-de ajudar consideravelmente os trabalhos da policia, cujos serviços, a partir da meritoria actuação do falecido sr. Méndez Alanis, estão muito bem organizados em Espanha e contam com funcionarios de muito prestimo.

Factos demonstrativos de que os assassinos devem ter entrado no comboio em Aranjuez

Examinemos alguns dados que parecem averiguados. Um faroleiro da estação de Aranjuez assegura que, quando o «expresso» de Andaluzia ali parou, três individuos aproximaram-se do vagão-correio e chamaram: «Lozano! Lozano! Abre!» O sr. Lozano assomou á portinhola e os três individuos subiram á carruagem; o comboio pôs-se em marcha sem que os três desconhecidos se tivesem apeado. Ora, parece que, da estação de Aranjuez em diante já os dois ambulantes não escreveram nada na lista em que vão mencionando o serviço que realizam.

Chegou o comboio a Alcázar de San Juan e nesta estação, onde se costuma entregar a correspondencia mal classificada, para devolvê-la a Madrid, os ambulantes não apareceram nem fizeram, portanto, nenhuma entrega, o que causou estranheza aos oficiais de correios da respectiva estafeta. Um deles, dirigindo-se aos companheiros, comentou: «Pouco serviço devem levar esses do «expresso», pois já vão com as luzes apagadas!»

O comboio seguiu a sua marcha e, ao passar pelo apeadeiro de Herrera, o guarda-agulhas de serviço ouviu ruidos estranhos, o que comunicou ao chefe da estação. Este telegrafou a Cordova o seguinte: «Pela natureza do serviço, guarda-agulhas que dá saída a «expresso» Andaluzia, e que se encontrava na agulha proxima ao comboio, diz-me de uma maneira reiterada que á passagem do vagão-ambulancia ouviu gritos pedindo socorro.»

Como os ambulantes do «expresso» não têm que fazer entregas até Marmolejo, costumam deitar-se entretanto. Ao chegar o comboio áquela estação, o carteiro, não vendo os ambulantes, bateu com a mão na vidraça e ninguem lhe res-

Joalharia em exposição no Palácio da Ajuda

A 2.ª edição da Bienal Internacional de Joalharia Contemporânea de Lisboa, intitulada *Madrugada*, arrancou ontem no Museu do Tesouro Real, no Palácio da Ajuda. Uma programação que vai reunir cerca de 150 artistas joalheiros de cerca de 20 nacionalidades e mais 25 eventos incluindo *masterclasses*, conversas e a entrega do Prémio *Mulheres da Democracia*.
Na Bienal estão patentes duas exposições: *Tiaras Contemporâneas* e *Joias para a Democracia*. Patentes até 30 de junho.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Ministro quer valorização da carreira dos professores

EDUCAÇÃO Fernando Alexandre começa hoje a ouvir os sindicatos e reafirma "compromisso do Governo" para a devolução do tempo de serviço dos docentes.

Em vésperas do arranque das reuniões com os sindicatos de professores – que ocorrem hoje e amanhã –, o ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, defendeu que a valorização da carreira é a solução para combater o problema da falta de docentes no país.

Em declarações aos jornalistas na Universidade do Minho, em Braga, Fernando Alexandre reafirmou ontem que o Governo está a preparar um plano imediato para que o próximo ano letivo seja "bastante mais positivo" que o atual em termos de alunos sem professores. "Não estou a dizer que vamos conseguir garantir que não há alunos sem professores no próximo ano letivo. Vamos ter de ter várias medidas de curto prazo e vamos ter de ter medidas de mais médio prazo e de longo prazo, que é a valorização da carreira dos professores", referiu.

Fernando Alexandre aproveitou para "clarificar" a questão do número de alunos sem professor, lembrando que, em muitos casos, são situações pontuais, de uma semana ou duas, decorrentes das baixas dos docentes. "Temos, por exemplo, 30 mil alunos sem professores, mas 10 mil estão sem professor na última semana, porque houve baixas", apontou, lembrando que as baixas "são muito elevadas" na área da Educação. O ministro disse ainda que "não houve planeamento", nos últimos anos, para preparar a substituição dos professores que todos os anos vão para a reforma. "Infelizmente, não houve esse planeamento, não houve esse trabalho, e por isso agora ele tem de ser feito e teremos de encontrar soluções", disse ainda.

O titular da pasta da Educação reforçou ainda que a recuperação do tempo de serviço dos professores durante a atual legislatura "é um compromisso do Governo", embora os custos da medida ainda não estejam definidos. "Isso é um compromisso. Será à volta de 300 milhões de euros, é o que está estimado, pode ser um pouco menos, pode ser um pouco mais, mas esse é um compromisso do Governo", referiu Fernando Alexandre.

Hoje e amanhã, o ministro vai receber 12 sindicatos do setor para receber as suas reivindicações e o seu "caderno de encargos". "Aquilo que nós vamos fazer, em conjunto com o Ministério das Finanças, é ouvi-los, receber esse caderno de encargos, depois vamos analisar e vamos ver, com os recursos que temos disponíveis, o que é que é possível", acrescentou Reiterou, no entanto, que a recuperação do tempo de serviço é para cumprir, por ser "um compromisso do Governo".

DN/LUSA

BREVES

Autarca de Amesterdão defende regular drogas como cocaína

Femke Halsema defende que só a regulamentação de drogas pesadas será capaz diminuir os efeitos "desastrosos" que o consumo tem para a juventude holandesa. A autarca de Amesterdão considera que a regulamentação do uso de drogas pesadas, como a cocaína e o *ecstasy*, seria o único meio para combater o narcotráfico e seus efeitos "desastrosos" para a juventude holandesa.
"Poderíamos imaginar que a cocaína possa ser obtida em farmácias ou no sistema médico", disse a autarca, Femke Halsema, em entrevista à AFP. A líder do verdes de esquerda (GroenLinks), de 57 anos, governa desde 2018 a cidade mundialmente conhecida pelo seu dinamismo comercial e turístico, e também pelos seus *coffeeshops* habilitados para a venda e o consumo de canábis. Mas mesmo assim, o narcotráfico continua a movimentar milhares de milhões de euros por ano e representa uma ameaça para os jovens vulneráveis. "Penso que algumas drogas são perigosas e que seria sensato reduzir o seu consumo", declarou Halsema. Mas "a forma como estamos a fazê-lo não ajuda (...) E será preciso refletir sobre métodos melhores para regular as drogas", acrescentou.

Banco de Portugal alerta para fraude que altera IBAN

O Banco de Portugal (BdP) alertou ontem para situações de fraude em que, durante a realização de uma transferência bancária através do *homebanking*, o IBAN do beneficiário é alterado por um terceiro. Num comunicado divulgado na sua página eletrónica, o banco central explica que esta fraude é concretizada com recurso a *software* malicioso previamente instalado no computador da pessoa que faz uma transferência através do *homebanking*, através do qual "um terceiro altera o IBAN da conta de pagamento do beneficiário no momento da realização dessa transferência". "Se, após a introdução dos dados da transferência no *homebanking* do seu banco (mesmo que use a lista de beneficiários frequentes), o ecrã do seu computador ficar estático (poderá aparecer uma mensagem com indicação de "em atualização") ou se lhe surgir uma mensagem para instalação ou atualização de *software* a que se segue um bloqueio temporário do equipamento, poderá estar a ser vítima de uma tentativa de fraude", adverte o BdP. Segundo explica, "durante esse período, o infrator pode estar a alterar o IBAN da conta de destino dos fundos".Para evitar esta situação, o BdP aconselha os utilizadores a lerem sempre com atenção todos os detalhes que são apresentados na página de confirmação da transferência ou no SMS enviado pelo banco, antes de autorizarem a operação.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56609
5 605290 023002